



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
*CAMPUS* DE ERECHIM  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

RICARDO FAVARIN

**A IMPORTÂNCIA DO ARQUIVO HISTÓRICO JUAREZ MIGUEL ILLA FONT  
NAS PRODUÇÕES LITERÁRIAS E HISTORIOGRÁFICAS DE ERECHIM**

ERECHIM  
2019

RICARDO FAVARIN

**A IMPORTÂNCIA DO ARQUIVO HISTÓRICO JUAREZ MIGUEL ILLA FONT  
NAS PRODUÇÕES LITERÁRIAS E HISTORIOGRÁFICAS DE ERECHIM**

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
como requisito para obtenção de grau de  
Licenciatura em História da Universidade  
Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Isabel Rosa Gritti

ERECHIM

2019

**Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

Favarin, Ricardo

A IMPORTÂNCIA DO ARQUIVO HISTÓRICO JUAREZ MIGUEL ILLA  
FONT NAS PRODUÇÕES LITERÁRIAS E HISTORIOGRÁFICAS DE  
ERECHIM / Ricardo Favarin. -- 2020.

65 f.:il.

Orientador: Doutora Isabel Rosa Gritti.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de  
História-Licenciatura, Erechim, RS, 2020.

1. Historiografia. 2. Memória. 3. História. 4.  
Arquivo Histórico. I. Gritti, Isabel Rosa, orient. II.  
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

RICARDO FAVARIN

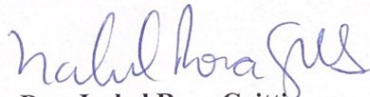
*A IMPORTÂNCIA DO ARQUIVO HISTÓRICO JUAREZ MIGUEL ILLA FONT NAS  
PRODUÇÕES LITERÁRIAS E HISTORIOGRÁFICAS DE ERECHIM.*

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em História da Universidade Federal da Fronteira Sul.

**Orientador: Isabel Rosa Gritti**

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 18/12/2019.

Banca examinadora:



**Profa. Dra. Isabel Rosa Gritti**



**Prof. Dr. Halferd Carlos Ribeiro Júnior**



**Prof. Me. Henrique Trizoto**

Dedico este trabalho a minha esposa e à minha  
filha.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecimentos especiais ao Dr. Promotor Público João Francisco Campelo Dill pelo trabalho dedicado à história erexinense e pela cessão da obra que embasou o presente trabalho, aos funcionários, ex-funcionários e estagiários do Arquivo Histórico de Erechim pela simpatia e prestatividade, aos professores de História da UFFS, aos meus eternos professores de História e Geografia Telmo e Sabina Giordani, aos meus colegas de faculdade que me suportaram durante os quatro anos e meio de faculdade, à minha esposa pelo incentivo e pela compreensão nas ausências e à Karen H. da Matta Machado.

“Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”

*Antoine Saint-Exupéry* em “O Pequeno Príncipe”

## RESUMO

Cada sociedade possui sua própria história, com fatos e personagens particulares, algumas dessas sociedades sobrevivem aos séculos, algumas desaparecem sem deixar vestígios, outras ficam apenas na memória e nos livros. A preservação dessa história depende muito das pessoas, mas também depende de como essa história e a sua memória é transmitida e conservada ao longo dos tempos.

A maneira como um povo reconstitui e preserva suas memórias pode se dar através de uma bandeira, um mártir, um local, uma igreja, que ajudam aquele povo a se reconhecer, e os chamados lugares de memória são um local criado com esse intuito, com essa finalidade de auxiliar as sociedades a manterem sua memória.

Diversos podem ser os ‘lugares de memória’ em cada sociedade ou em cada civilização, como por exemplo, museus, cemitérios, festas, monumentos, santuários, associações, e esses lugares que nada mais são do que criações do homem e se “alimentam” de um sentimento coletivo de memória e também ajudam a fomentar essa mesma história desse povo.

O presente trabalho busca destacar o Arquivo Histórico Municipal de Erechim como espaço de memória a partir da análise de dois livros que foram escritos utilizando os documentos do Arquivo. Os livros analisados foram dos escritores Miguel Juarez Illa Font e do promotor público estadual João Francisco Campelo Dill, respectivamente “Serra do Erechim: Tempos Heroicos” e “O dia em que Shakespeare visitou José Bonifácio”. Os livros escolhidos têm como peculiaridade, autores que não nasceram no município, mas viveram grande parte de sua vida e não são historiadores de formação, mas pela paixão.

A proposta tem como objetivo reconhecer a importância do Arquivo Histórico como fomentador da história local, do resgate da memória e a preservação do passado através dos livros de história ou de literatura, como por exemplo, nos contos do segundo livro analisado que se baseiam em ações penais ocorridas no município no século passado. Por isso, a proposta se baseia em como essas obras “bebem” das fontes históricas do Arquivo e ajudam a manter a memória histórica da sociedade erechinense.

A partir da análise dos livros, é possível identificar a utilização dos documentos que recebem guarida daquele espaço de memória e como estes são utilizados, seja de forma descritiva de eventos históricos, seja na construção de contos literários. Assim, a partir da análise dos dois livros é possível identificar como a sociedade erechinense é representada e descrita pelos autores, ora identificando fatos e personagens, ora como pano de fundo para os contos criados pelo ilustre promotor.

Por fim, é possível afirmar que das diversas obras que buscam no acervo do Arquivo Histórico Municipal Miguel Juarez Illa Font informação ou inspiração, acabam que indiretamente, retratando de alguma maneira a sociedade erechinense, e trazendo ao leitor que dele se utiliza, o resgate histórico dessa sociedade e a preservação da memória de fatos e pessoas que de alguma forma contribuíram com o presente do município.

**PALAVRAS CHAVE:** MEMÓRIA, LUGAR DE MEMÓRIA, ARQUIVO HISTÓRICO.



## ABSTRACT

Each society has its own history, with particular facts and characters, some of these societies survive the centuries, some disappear without a trace, others only in memory and books. The preservation of this story depends a lot on people, but it also depends on how this story and its memory is transmitted and preserved over time.

The way a people reconstitutes and preserves their memories can be through a flag, a martyr, a place, a church that help that people recognize themselves, and so-called memory places are a place created for this purpose, with this purpose of helping societies maintain their memory.

Diverse can be the 'places of memory' in each society or in each civilization, such as museums, cemeteries, festivals, monuments, shrines, associations, and those places that are nothing but creations of man and 'feed'. of a collective sense of memory and also help to foster this very history

This paper aims to highlight the Erechim Municipal Historical Archive as a memory space from the analysis of two books that were written using the Archive documents. The books analyzed were by writers Miguel Juarez Illa Font and state prosecutor João Francisco Campelo Dill, respectively "Serra do Erechim: Tempos heróicos" and "O dia que Shakespeare visitou José Bonifácio". The books chosen have their peculiarity, authors who were not born in the municipality but lived much of their life and are not historians of formation, but by passion.

The purpose of the proposal is to recognize the importance of the Historical Archive as a promoter of local history, the rescue of memory and the preservation of the past through history or literature books, for example, in the tales of the second analyzed book that are based on actions. occurred in the municipality in the last century. Therefore, the proposal is based on how these works "drink" from the archive's historical sources and help to maintain the historical memory of the erechinense society.

From the analysis of the books, it is possible to identify the use of the documents that receive shelter of that memory space and how they are used, either descriptively of historical events or in the construction of literary tales. Thus, from the analysis of the two books it is possible to identify how the erechinense society is represented and described by the authors, sometimes identifying facts and characters, sometimes as a backdrop for the tales created by the illustrious promoter.

Finally, it is possible to affirm that of the various works that seek in the collection of the Miguel Juarez Illa Font Municipal Historical Archive information or inspiration, they end up indirectly, portraying in some way the erechinense society, and bringing to the reader who uses it, the historical rescue. of this society and the preservation of the memory of facts and people that somehow contributed to the gift of the municipality.

**KEYWORDS:** MEMORY, PLACE OF MEMORY, HISTORICAL ARCHIVE.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

**Figura 1** Matéria Jornalística de setembro de 197015

**Figura 2** Dr. Juarez Miguel Illa Font17

**Figura 3** Livro Serra do Erechim Tempos Heroicos de Juarez Miguel Illa Font30

**Figura 4** Livro o Dia em que Shakespeare visitou Erechim36

**Figura 5** Matéria Jornalística de fevereiro de 193036

**Figuras 6 e 7** Matéria Jornalística de abril de 195136

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1 MEMÓRIA E NARRATIVA NA PERSPECTIVA HISTORIOGRÁFICA.....</b>	<b>20</b>
1.1 por uma história do tempo presente.....	21
1.2 a construção de uma memória histórica.....	23
1.2.1 A memória coletiva.....	24
1.3 impasses na construção de uma narrativa histórica.....	26
<b>2 HISTÓRIA E LITERATURA: DE ILLA FONT À DILL.....</b>	<b>29</b>
2.1 apontamentos teórico-metodológicos.....	30
2.2 Livro SERRA DO ERECHIM: TEMPOS HERÓICOS.....	30
2.3 livro “O DIA EM QUE SHAKESPEARE VISITOU JOSÉ BONIFÁCIO”.....	34
2.4 contraponto.....	42
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>45</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>47</b>
<b>ANEXO A: CATÁLOGO DO ACERVO VERSÃO 2017.....</b>	<b>50</b>

## INTRODUÇÃO

Em tempos em que a capacidade de armazenamento de dados é crescente, possibilitando assim a preservação de infindáveis documentos que auxiliam na análise da memória, não a digital, mas a memória histórica, é preciso identificar momentos e locais que resgatam e fomentam a memória auxiliando assim na análise crítica da história.

Nessa ligação entre memória e história, Barros (2011) aponta que a memória e a história se entrelaçam nas memórias históricas no momento que a memória começa a desaparecer, ou até mesmo a mudar, com o passar natural das gerações, sendo importante o registro e o devido acondicionamento dessas ou de outras memórias, para ser possível seu uso como fonte de pesquisa e sua utilização crítica como fonte, propriamente dita. (p.331)

A construção de um conhecimento histórico passa essencialmente pelo papel do pesquisador e sua capacidade de analisar os objetos de estudo com um olhar holístico, respeitando os processos inerentes. Assim, o tempo, a mentalidade e o contexto precisam ser levados em consideração “quer se trate de documentos conscientes ou inconscientes (traços deixados pelos homens sem a mínima intenção de legar um testemunho à posteridade), as condições de produção do documento devem ser minuciosamente estudadas” (LE GOFF, 1994, p.57).

Cabe ao historiador ainda analisar as estruturas de poder que encontram-se em determinada sociedade ou período, cujo objeto de pesquisa está inserido, principalmente pelo fato de que as categorias sociais e os grupos dominantes “deixarem, voluntariamente ou não, testemunhos suscetíveis de orientar a história num ou noutro sentido; o poder sobre a memória futura, o poder de perpetuação deve ser reconhecido e desmontado pelo historiador” (LE GOFF, 1994, p.57).

Nesta perspectiva, Le Goff entende que “nenhum documento é inocente. Deve ser analisado. Todo o documento é um monumento que deve ser desestruturado, desmontado. O historiador não deve ser apenas capaz de discernir o que é "falso", avaliar a credibilidade do documento, mas também saber desmistificá-lo” (LE GOFF, 1994, p. 57).

Antes de mais nada, deve decidir-se sobre aquilo que ele irá considerar como documento e o que ele irá rejeitar. Durante muito tempo os historiadores pensaram que os verdadeiros documentos históricos eram os que esclareciam a parte da história dos homens, digna de ser conservada, transmitida e estudada: a história dos grandes acontecimentos (vida dos grandes homens, acontecimentos militares e diplomáticos, batalhas e tratados), a história política e institucional. A idéia de que o nascimento da história estava ligado ao aparecimento da escrita levava a privilegiar o documento escrito (LE GOFF, 1994, p. 55).

A amplitude do processo leva a considerar estes documentos como fontes históricas “depois de estarem sujeitos a tratamentos destinados a transformar a sua função de mentira em confissão de verdade [cf. o artigo "Documento/monumento", neste volume da Enciclopédia; e Immerwahr, 1960]” (LE GOFF, 1994, p. 57). Entretanto, cabe ressaltar que a análise deve ser crítica e não avaliativa, uma vez que a definição de verdade e mentira criaria uma discussão interminável, que não é o objetivo deste trabalho.

Nessa ideia de análise científica da história, Le Goff classifica ainda as reivindicações dos historiadores devido a diversidade de concepções e práxis como sendo “ao mesmo tempo, imensa e modesta” (LE GOFF, 1994, p. 73). Porque,

Eles pretendem que todo o fenômeno da atividade humana seja estudado e posto em prática, tendo em conta as condições históricas em que existe ou existiu. Por "condições históricas" devemos entender o dar forma cognitiva à história concreta, um conhecimento da coerência científica relativamente ao qual se estabeleça um consenso suficiente no meio profissional dos historiadores (existem também desacordos quanto às conseqüências a tirar). Não se trata de modo algum de explicar o fenômeno em questão através destas condições históricas, de invocar uma causalidade histórica pura, e nisto deve consistir a modéstia da atuação histórica. Mas também esta atuação pretende recusar a validade de qualquer explicação e de toda a prática que negligenciasse estas condições históricas (LE GOFF, 1994, p. 73).

No bacharelado em Ciências Jurídicas e Sociais no qual sou formado desde 2002 pela Universidade Regional Integrada, somos preparados para atentarmos-nos diretamente para o fato “nu e cru”, para depois adentrarmos nas motivações e na perspectiva do direito. Enquanto ao longo da Licenciatura em História somos instigados a olhar os fatos históricos com cuidado, apontando os possíveis elementos que o constituíram, indo muito além daquilo que a historiografia oficial apresenta.

Em tese, a primeira faculdade fornece um escopo teórico que facilita o mapeamento e construção de uma teia de informações acerca do objeto estudado, em contrapartida, o ensino de História provoca o questionamento constante, a busca através de pesquisas para uma visão além do objeto em si, sua época, seus personagens, causas e efeitos.

Partindo do pressuposto que “todo pensamento histórico possui perspectivas orientadoras implícitas, nas quais estão incorporadas carências de orientação no tempo. Encontram-se também implícitos em todo pensamento histórico procedimentos para garantir empiricamente as asserções históricas” (RÜSEN, 2007). Essa construção é responsável pela inquietação desenvolvida durante toda a graduação e que gerou debates acalorados com professores e colegas.

O pensamento histórico diferentemente do pensamento jurídico “enuncia-se por expressões orais, literárias, metafóricas ou de outras formas. Afinal, todo pensamento histórico exerce, por certo, funções de orientação no tempo” (RÜSEN, 2007). O que nos leva a constatar que eles nem sempre “apresentam, contudo, como fatores diversificados da narração histórica, e na realidade nem sempre são pensados como fatores em si ou em seu conjunto” (RÜSEN, 2007).

Neste sentido, “o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de maneira narrativa; em compensação, a narrativa é significativa na medida em que desenha os traços da experiência temporal” (DUARTE, 2017, p.132). E, essa ligação fica ainda mais firme quando percebemos, que “através da narrativa quem lê o texto está experimentando-o. Existe uma circularidade entre tempo e narrativa (a narrativa propicia que o leitor conheça o tempo) (DUARTE, 2017, p.132).

O dilema tempo / história versus construção de uma memória através dos lugares de memória ficou acentuado quando a Turma 2013 passou a frequentar o Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font com as professoras Isabel e Caroline e sob a supervisão da equipe do Arquivo fomos instigados a interagir com as fontes primárias lá disponíveis, principalmente quando fora encontrada a obra do Promotor Dill, amigo pessoal do pesquisador, que quando questionado acerca da obra, o mesmo informou que utilizou-se do espaço do Arquivo para construí-la.

A problemática que moveu o desenvolvimento da presente pesquisa é como se dá a utilização do lugar de memória denominado Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font de Erechim para a construção do saber histórico? Esta construção é apenas historiográfica ou pode ser aplicada à literatura também?

Partindo do pressuposto que "a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga a continuidades temporais, às evoluções, e às relações das coisas. A memória é o absoluto e a história o relativo"(NORA, 1993, p. 09), percebemos o impacto que os lugares de memória geram nas cidades.

De parte a parte, a história permanece configurada pelo sistema onde é elaborada a pesquisa. Hoje como ontem, ela é determinada pelo fato de uma fabricação localizada nesse ou naquele ponto desse sistema. Assim, só a consideração desse lugar onde é produzida essa relação permite ao saber historiográfico escapar à inconsciência de uma classe que desconhecia a si própria enquanto classe no interior das relações de produção e que, por isso, desconhecia a sociedade onde está inserida (CERTEAU, p.27).

A partir deste cenário discorreremos sobre os principais lugares de memória da cidade de Erechim enfatizando o Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font. Sobre esse tema, é salutar a divagação de Dosse (2017) sobre a definição de lugares de memória:

*Definidos os lugares de memória como um meio-termo entre memória coletiva e História, o tempo presente corresponde a esse meio-termo também entre passado e presente ou o trabalho do passado no presente. O tempo presente não seria então um simples período adicional destacado da história contemporânea, uma nova concepção da operação historiográfica (DOSSE, 2017, p.17).*

No tocante à cidade de Erechim, tem em seu bojo o culto à alguns espaços que se tornaram lugares de memória, que mesmo passados cem anos de história continuam sendo referência na cidade. Podemos destacar o prédio da Comissão de Terras (Castelinho) construído entre 1912/1915, a Prefeitura Municipal inaugurada na década de 1930, o prédio da Viação Férrea que foi construído há mais de um século, a Praça da Bandeira e as primeiras quadras da Avenida Mauricio Cardoso com seus prédios em Art Decó e Art Nouveau, compõem o panteão dos lugares de memória da cidade.

O mais recente destes lugares de memória é o Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font fundado em 1980 e teve como primeiro gestor o professor e memorialista Enori José Chiaparini, o responsável por produzir a “mística” do local. Uma análise mais minuciosa aponta que o Arquivo ainda se mantém em atividade (mesmo não sendo considerado potencialmente gerador de votos pelas gestões) devido ao caráter ufanista que a cidade tem acerca de suas origens.

De acordo com Hartog (2011)

*Se os arquivos são "a memória da nação", o dever de memória e a exigência (democrática) de transparência implicam que eles estejam em condições de ser facilmente pesquisados e não apenas por investigadores licenciados. Para questionar os arquivos, vem, desde então, ao primeiro plano, um vocabulário que se apoia tanto na crítica tradicional das fontes quanto na linguagem judicial. O arquivo é, com efeito, uma testemunha, uma prova; fala-se de sigilo, de dissimulação e de confissão (HARTOG, 2011, p. 234)*

Ao longo destes 38 anos de história, o Arquivo foi coordenado por oito profissionais, mas apenas três tiveram quatro anos ou mais de gestão com destaque aos vinte anos do professor Enori Chiaparini. Entretanto, as origens dos Arquivos modernos aludem à combinação de pessoas, lugares e práticas que possibilitaram organização de um complexo técnico, “inaugurado no Ocidente com as "coleções", reunidas na Itália e depois na França, a partir do século XV, financiadas pelos grandes mecenas para se apropriarem da história (os Médicis, os Duques de Milão, Carlos de Orleães e Luís XII etc.)” (CERTEAU, 1976, p.31).

O passo seguinte, foi, de acordo com (CERTEAU, 1976, p.31)

[...] a criação de um novo trabalho ("coleccionar"), a satisfação de novas necessidades (a justificação de grupos familiares e políticos recentes graças à instauração de tradições, cartas e direitos de propriedade próprios), e a produção de novos objetos (os documentos que são isolados, conservados e recopiados), uma ciência que nasce (a "erudição" do século XVII) recebe juntamente com seus "estabelecimentos de fontes" - instituições técnicas - sua base e suas regras (CERTEAU, p. 31)

No Brasil, a Lei nº. 8.159 de 8 de janeiro de 1991 criou o Conselho Nacional de Arquivos (Conarq), órgão colegiado que rege os arquivos públicos e privados. De acordo com o dicionário de verbetes Caldas Aulete (2015) define arquivo como:

1. Conjunto de documentos ou elementos de informação, em diversos tipos de suporte (manuscritos, impressos, fotográficos, fonográficos etc.) guardados e conservados, ger. Com registro que permita sua fácil localização e consulta, mantidos sob a guarda de uma pessoa ou de uma instituição.
2. Qualquer conjunto de elementos de informação (anotações, fotografias, recortes) assim guardados e preservados.
3. Lugar, entidade, instituição etc. onde se guardam esses documentos e elementos de informação.
4. Móvel próprio para se guardar documentos, de forma a conservá-los e permitir fácil localização e acesso.
5. Repositório: Aquele homem é um arquivo de todas as anedotas de sua terra.
6. Conjunto de dados (textos, imagens, sons, animações, rotinas, programas etc.) gravados e armazenados como uma unidade independente e identificável (CALDAS AULETE, 2015).

Localizado atualmente na Av. Pedro Pinto de Souza, n.º 100, no município de Erechim/RS, o Arquivo Histórico de Erechim Juarez Miguel Illa Fonte foi criado pela Lei n.º 1.717, em 18 de novembro de 1980, com o objetivo de resgatar, guardar, conservar e divulgar a história e a memória de Erechim e seus moradores.

**Figura 1** Matéria Jornalística de setembro de 1970



Fonte: foto do Autor



Como vemos no recorte do Jornal “A Voz da Serra” do dia 02 de novembro de 1970, já naquela época, quando da inauguração da sede própria da Biblioteca Municipal, se tinha a intenção da criação de um Arquivo Histórico Municipal, conforme teria dito o então Diretor da Biblioteca à época, Sr. Rodrigo Magalhães, além de outras providências, referentes à preservação da cultura e do patrimônio histórico do município.

Segundo o professor Enori Chiaparini, que foi o primeiro funcionário do Arquivo, e exerceu atividades no Arquivo durante muitos anos, como funcionário do Estado do Rio Grande do Sul cedido ao município de Erechim, a partir da publicação em abril de 1979 do livro escrito pelo professor Ernesto Cassol, intitulado “Histórico de Erechim”, é que houve a consolidação desse sentimento de necessidade de se criar um local para num primeiro momento, acolher os documentos referentes à história do município.

Desde a sua criação, o Arquivo já esteve em quatro locais diferentes, sendo no período de 1980 a 1997 sediado à rua Comandante Kraemer, n.º 21, juntamente com a Biblioteca Municipal (prédio que hoje abriga a Câmara de Vereadores). Sua segunda sede, de 1997 a 1998 foi na rua Argentina, n.º 60 (atualmente funciona uma casa noturna), depois de 1999 a 2008 na rua Rui Barbosa, n.º 100, e desde 2009 em seu endereço atual. Ao longo da história, foram quatro locais no centro da cidade, entretanto, sem jamais possuir sede própria.

Das atribuições do Arquivo destacam-se: dar busca, guarda e conservação da documentação histórica do município, quer seja pública ou não; permitir a utilização de seu acervo para consultas ao público em geral, conforme define o próprio artigo 4 da Lei que o criou.

Quanto ao nome do Arquivo, a homenagem proposta em 1990, com a lei 2.276/90 pelo então vereador Leri Lonzetti, que atualmente é advogado em nossa cidade, o Arquivo Histórico de Erechim leva o nome de Dr. Juarez Miguel Illa Font, munícipe que chegou em Erechim no ano de 1924 e entre todas as funções exercidas no município destacam-se a de jornalista, radialista, historiador e colunistas em alguns jornais da cidade à sua época.

O Dr. Juarez Miguel Illa Font também foi autor do guia do município em 1959 e escreveu um livro chamado “Serra do Erechim, Tempos Heroicos”. O Dr. Juarez Miguel Illa Font, entre idas e vindas, acabou por repousar eternamente em terras erechinenses, local que escolheu por sua morada e a qual o acolheu de mesma maneira.

A seguir, vemos o retrato de Illa Font que foi utilizado pelo Arquivo Histórico para homenagear seu patrono:

**Figura 2** Dr. Juarez Miguel Illa Font



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico

No tocante ao acervo do Arquivo, este é oriundo da destinação oficial de documentos do município com mais de cinquenta anos e da doação de acervos particulares (livros, documentos, fotos), um exemplo verificado no local, ocorreu em 2017, em que dois acervos particulares foram recebidos em doação das Famílias Castro e Gardolinski (o da Família Castro uma coleção de jornais locais antigos).

Ainda sobre as doações, verifica-se que no tocante a doações de fotos, as pessoas levam seus acervos até o Arquivo, onde as fotos são digitalizadas e catalogadas, e posteriormente, as fotos originais são devolvidas aos seus proprietários.

Atualmente o acervo documental do Arquivo é de aproximadamente 450.000 públicos/particulares, além de um acervo fotográfico com mais de 6.000 fotos documentadas, e um acervo oral com aproximadamente 400 entrevistas, e ainda, um acervo visual com cerca de 600 DVD's e 200 fitas VHS.

O Arquivo guarnece acervos documentais, fotográficos, orais e visuais acerca da história não só do município, mas também de toda a região norte do Estado. Um dos principais objetivos do local é a conscientização sobre a importância do documento histórico e busca trabalhar pelo direito de acesso à informação, princípio básico da cidadania.

Além do já destacado, o Arquivo desenvolve trabalhos de organização e classificação de fotos e documentos históricos, buscando resgatar e acondicionar adequadamente esses dados históricos, e principalmente, servir de fomentador da pesquisa científica e contribuir para a construção da memória histórica da sociedade na qual está inserido.

Não existem restrições quanto ao acesso a qualquer documento sob a guarda do Arquivo, porém, é solicitado aos usuários o respeito a pequenas regras de cuidado, respeito à sua organização e zelo ao documento pesquisado, sendo que para o manuseio de alguns documentos mais antigos é solicitado o uso de luvas e é permitido fotografar apenas sem “flash”.

Devido à riqueza de seu material, o Arquivo mantém parcerias para a realização de atividades com Universidades, com o Instituto Histórico Geográfico de Getúlio Vargas, com o Museu Municipal Irmã Celina Shardong de Gaurama e o Wilmar Rübénich que possui um acervo da história de Marcelino Ramos, todas cidades do norte gaúcho.

Como grande parte da documentação histórica da região está ali, é natural que os historiadores, pesquisadores ou simplesmente curiosos, procurem o Arquivo para tentar sanar esses anseios e questionamentos. Segundo informações no local, os estudantes são o maior público, sendo que por questões de afinidade e objetivos, os alunos de História e Arquitetura são os mais assíduos. Ainda, há procura de jornalistas e professores e pesquisadores amadores, com um perfil de idade mais avançado, movidos pela curiosidade e também pelo saudosismo de suas épocas.

A partir dos materiais e documentos do Arquivo Histórico Dr. Juarez Miguel Illa Fonte, é possível elencar vários pesquisadores com livros e trabalhos construídos a partir dessas fontes, como Dirceu Benincá, Ernesto Cassol, Gladis Wolf, Humberto José da Rocha, Isabel Rosa Gritti, João Francisco Campelo Dill, Marli de Almeida Beninca, Neuza Cidade Garcez, Sônia Cima e Thaís Janaína Wenczenovicz entre tantos outros.

A própria história do Arquivo por si só, é capaz de produzir elementos de uma historiografia para a sua comunidade, o que dirá então, da construção de uma historiografia a partir dos trabalhos e pesquisas produzidos a partir do seu “corpo”, e é exatamente isso que essa pesquisa se propõe a evidenciar.

Eis os problemas suscitados há um número respeitável de anos, continuam sendo atuais para um amanhã que já é bem presente. A essas questões de natureza técnica e política, acrescentam-se - já formulados anteriormente - outros problemas: aqueles relacionados com a história, que conta agora com dois séculos, da instituição dos Arquivos (ver supra, p. 151); e,

em especial, aqueles (equacionados, frequentemente, durante a última década) decorrentes (HARTOG, 2011, p. 231).

A partir do exposto, a presente pesquisa tem como objetivo geral analisar o papel do Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font para a construção das obras “Serra do Erechim: Tempos Heroicos” do advogado e patrono do Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font e “O dia em que Shakespeare visitou José Bonifácio”, romance do Promotor Público João Francisco Campelo Dill. Os objetivos específicos são: Problematizar a relação História X Memória X Narrativa; conceituar Lugares de Memória; comparar as Obras “Serra do Erechim: Tempos Heroicos” e o romance “O dia em que Shakespeare visitou José Bonifácio”.

Afim de responder à problemática e dar conta dos objetivos propostos a presente pesquisa está dividida em dois capítulos: o primeiro, aborda Memória e narrativa na perspectiva historiográfica; e ramifica-se na busca por uma história do tempo presente; na análise da construção de uma memória histórica; na busca por um conceito memória coletiva e nos impasses para construção de uma narrativa histórica.

O segundo e principal apresenta um paralelo entre teoria e romance, apontamentos metodológicos da forma como os livros Serra do Erechim: Tempos Heroicos” do advogado e patrono do Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font e o romance “O dia em que Shakespeare visitou José Bonifácio”, do Promotor Público João Francisco Campelo Dill serão analisados e por fim promover um contraponto acerca das obras.

A escolha do tema também se motiva em razão do momento atual, onde “há uma presença marcante do passado no espaço público, que não é nova, mas que ganhou intensidade. Na atualidade, nós atravessamos uma grave crise de historicidade em função da crise da noção futuro (DOSSE, 2017, p.21). Essa alteração é responsável pelo deslocamento da “atenção para a ação no momento de sua realização. Isto colocou foco sobre o presente como detector de sentido relacionando-o com a memória, a comemoração, o patrimônio e a arquivização. (DOSSE, 2017, p.21)

## 1 MEMÓRIA E NARRATIVA NA PERSPECTIVA HISTORIOGRÁFICA

Com o advento da Escola Metódica na França o estudo da história passou por uma transformação que a alçou como uma ciência. Inúmeras vertentes passaram a explicar os fatos históricos e a analisar os processos que os conduziram a estes “resultados”. De maneira que “a história só é história na medida em que não consente nem no discurso absoluto, nem na singularidade absoluta, na medida em que o seu sentido se mantém confuso, misturado...” (Ricoeur, 1961, p. 226, apud LE GOFF, 1994, p. 26).

Nessa perspectiva, “a história é essencialmente equívoca, no sentido de que é virtualmente événementielle e virtualmente estrutural. A história é na verdade o reino do inexato. Esta descoberta não é inútil; justifica o historiador. Justifica todas as suas incertezas” (Ricoeur, 1961, p. 226, apud LE GOFF, 1994, p. 26). O mesmo autor reforça o caráter inexato do método histórico e suas dicotomias, afinal, “a história quer ser objetiva e não pode sê-lo. Quer fazer reviver e só pode reconstruir. Ela quer tomar as coisas contemporâneas, mas ao mesmo tempo tem de reconstituir a distância e a profundidade da lonjura histórica (Ricoeur, 1961, p. 226, apud LE GOFF, 1994, p. 26).

A construção desta reflexão é dotada de um nexos causal, ela “procura justificar todas as aporias do ofício de historiador, as que Marc Bloch tinha assinalado na sua apologia da história e do ofício de historiador. Estas dificuldades não são vícios do método, são equívocos bem fundamentados” (Ricoeur, 1961, p. 226, apud LE GOFF, 1994, p. 26).

Partindo do pressuposto, que “A História é inicialmente, como afirmava Lucien Febvre, do ‘construído’. Isso é verdade desde o primeiro estágio de sua construção, ou seja, no processo de armazenamento dos documentos” (DOSSE, 2012, p. 24). Cabe ao historiador neste estágio, “a opção de pôr de lado uma boa parte do arquivo de que dispõe, tendo por base seus juízos de importância e de seus planos de interpretação” (DOSSE, 2012, p. 24). Tendo em vista que o próximo passo ou segundo estágio para o autor, é de “explicar/compreender, a subjetividade histórica está vinculada ao tipo de ligação de causalidade” (DOSSE, 2012, p. 24), que ele enfatiza no próximo estágio em que analisa a forma como “a subjetividade intervém, de maneira ativa, na relação estabelecida entre o mesmo e o outro, na necessária tradução da linguagem do passado para a linguagem do presente, no fato de nomear o que não é mais em termos contemporâneos” (DOSSE, 2012, p. 25).

O resultado seria, para surpresa do autor, impossibilidade de ocorrer uma “adequação entre sua língua e seu objeto, o que requer um esforço para imaginar e traduzir o que pode ser

o mais adequado para tornar inteligível o que não é mais. O quarto plano de intervenção da subjetividade é o caráter humano do conhecimento histórico” (DOSSE, 2012, p. 25).

O ofício do historiador é, portanto, produzir uma análise dos fatos históricos dotando-o de sentidos a partir dos elementos que permeiam sua construção. Cada corrente historiográfica estabelece os critérios principais a serem adotados. Neste sentido, buscaremos analisar neste capítulo a construção da história do tempo presente, a elaboração de um conceito memória coletiva e os impasses para construção de uma narrativa histórica.

### 1.1 POR UMA HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE

Sendo um campo de estudos históricos com um olhar sobre as permanências e as rupturas do passado no presente, a corrente historiográfica do Tempo Presente entende que

A cultura (ou mentalidade) histórica não depende apenas das relações memória-história, presente-passado. A história é a ciência do tempo. Está estritamente ligada às diferentes concepções de tempo que existem numa sociedade e são um elemento essencial da aparelhagem mental dos seus historiadores (LE GOFF, 1994, p. 27).

De acordo com Ferreira (2018, p.84) ela parte do

aprofundamento das discussões acerca das relações entre passado e presente na história, e o rompimento com a ideia que identificava objeto histórico e passado, definido como algo totalmente morto e incapaz de ser reinterpretado em função do presente, abriram novos caminhos para o estudo da história do século XX. Por sua vez, a expansão dos debates acerca da memória, suas relações com a história como objeto de pesquisa pode oferecer chaves para uma nova inteligibilidade do passado.

Perspectiva que empreende uma análise das relações entre memória e história, rompendo com a visão determinista que suprime a liberdade dos homens, evidenciando o processo de construção das identidades dos atores e equaciona as relações estabelecidas por eles acerca do passado e do presente ao reconhecer, “de forma inequívoca, que o passado é construído segundo as necessidades do presente, chamando a atenção para os usos políticos do passado” (FERREIRA, 2018, p.85).

Assim, “o historiador é levado a explicitar de onde ele fala, a tornar mais transparente seu ofício, suas ferramentas, seu andaime, ou todas as mediações que lhe permitem a construção de sua trama. O desvio historiográfico é, nessas condições, indispensável” (DOSSE, 2012, p. 24). Constituindo um contraponto à memória, “da memória que pode reivindicar uma relação

direta com o seu objeto, a História é sempre um conhecimento feito de mediações, e se situa em um entre-dois, um entrelaçado” (DOSSE, 2012, p. 24).

Isso imputa ao historiador colocar-se em “posição de exterioridade em relação a seu objeto, devido a distância temporal, e em situação de inferioridade pela sua intencionalidade de conhecimento, que Paul Ricoeur denomina de seu eu de pesquisa” (DOSSE, 2012, p. 24).

A História do tempo presente ainda apresenta uma singularidade “é a importância de testemunhas em sua construção, ainda mais se definirmos os limites dessa história como tendo que coincidir com a copresença de seus atores, isto é, com a duração da vida humana” (DOSSE, 2012, p. 24). Por ainda existirem testemunhas contemporâneas aos fatos relatados, a difusão dos depoimentos tem um valor matricial:

Ela cobre uma sequência histórica marcada por duas balizas móveis. No montante, essa sequência remonta aos limites da duração de uma vida humana, fazendo com que seja um campo marcado, sobretudo pela presença de testemunhas vivas, traço mais visível de uma história que virá a ser. A jusante, essa sequência é delimitada pela fronteira, muitas vezes difícil de localizar, entre o momento presente – a atualidade – e o instante passado (IHTP, 1991). (DOSSE, 2012, p. 27)

Sob essa ótica, “essa História é uma história “sob vigilância”, a de testemunhas que podem contestar os registros históricos nos quais não se reconhecem, o que torna ainda mais necessária uma estrita articulação entre História e memória (DOSSE, 2012, p. 28).

Neste sentido, precisamos levar em consideração que “nossas mentes não refletem diretamente a realidade. Só percebemos o mundo através de uma estrutura de convenções, esquemas e estereótipos, um entrelaçamento que varia de uma cultura para outra” (BURKE, 1992, p. 15). A atividade humana por si só é interdisciplinar, o que permite a inter-relação entre as áreas do conhecimento para dar conta da abrangência a toda essa atividade. Por sua vez,

Os historiadores de arte, literatura e ciência, que costumavam buscar seus interesses mais ou menos isolados do corpo principal dos historiadores, estão agora mantendo com eles um contato mais regular. O movimento da história vista de baixo também reflete uma nova determinação para considerar mais seriamente as opiniões das pessoas comuns sobre seu próprio passado do que costumavam fazer os historiadores profissionais. O mesmo acontece com algumas formas de história oral. Neste sentido, também a heteroglossia é essencial à nova história (BURKE, 1992, p. 17).

Esses elementos permeiam por sua vez a construção de uma noção de memória histórica, influenciando o seu desenvolvimento e o papel dos atores sociais.

## 1.2 A CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA HISTÓRICA

“A história da história não se deve preocupar apenas com a produção histórica profissional mas com todo um conjunto de fenômenos que constituem a cultura histórica ou, melhor, a mentalidade história de uma época” (LE GOFF, 1994, p. 26). A partir deste pressuposto, percebemos a amplitude do trabalho historiográfico e a importância do passado, compreendido de acordo com Le Goff (1994, p.14) como “uma construção e uma reinterpretação constante e tem um futuro que é parte integrante e significativa da história”. Ao adotar essa perspectiva ele reforça a relevância que os avanços dos métodos e das técnicas, que “permite pensar que uma parte importante dos documentos do passado está ainda por se descobrir” (LE GOFF, 1994, p.14). Da mesma forma que “a arqueologia decorre sem cessar dos monumentos desconhecidos do passado; os arquivos do passado continuam incessantemente a enriquecer-se” (LE GOFF, 1994, p.14).

Esse cenário ainda possibilita que essas novas leituras dos documentos que são “frutos de um presente que nascerá no futuro” (LE GOFF, 1994, p.14), da mesma forma que elas devem garantir a sobrevivência do passado, que as informações não se percam quando o passado “deixa de ser definitivamente passado” (LE GOFF, 1994, p.14).

Por fim ele ainda acrescenta um elemento fundamental na relação entre presente e passado: o “horizonte do futuro” (p.14), “ainda aqui os sentidos são múltiplos. As teologias da história subordinaram-na a um objetivo definido como o seu fim, o seu cumprimento e a sua revelação (LE GOFF, 1994, p. 14). Pois a construção de um futuro comum à uma sociedade, pode ser alicerçada nas noções de passado que são estabelecidas no presente.

Para Le Goff (1994) existem duas histórias: a produzida pela memória coletiva e a dos historiadores.

A primeira é essencialmente mítica, deformada, anacrônica, mas constitui o vivo desta relação nunca acabada entre o presente e o passado. É desejável que a informação histórica, fornecida pelos historiadores de ofício, vulgarizada pela escola (ou pelo menos deveria sê-lo) e os mass media, corrija esta história tradicional falseada. A história deve esclarecer a memória e ajudá-la a retificar os seus erros. Mas estará o historiador imunizado contra uma doença senão do passado, pelo menos do presente e, talvez, uma imagem inconsciente de um futuro sonhado? (LE GOFF, 1994, p. 16)

Cabe aqui a expressão “a história não é todo o passado, mas também não é tudo aquilo que resta do passado” cunhada por Halbwachs na obra “*A Memória Coletiva*” (2004, p.71). Na mesma obra, ele reforça essa ideia ao afirmar que “ao lado de uma história escrita, há uma



história viva que se perpetua ou se renova através do tempo e onde é possível encontrar um grande número dessas correntes antigas que haviam desaparecido somente na aparência” (HALBWACHS, 2004, p. 71). Neste sentido, a história oral tem um papel fundamental na manutenção dos elementos que acabam se perdendo durante as transformações sociais e econômicas que os grupamentos humanos passam ao longo da sua trajetória.

Qualquer cenário diferente, remete o autor a questionar se “teríamos nós o direito de falar em memória, e que serviço poderiam nos prestar quadros que subsistiriam apenas em estado de informações históricas, impessoais e despojadas” (HALBWACHS, 2004, p. 71).

A validade desta perspectiva se dá pelo caráter potencialmente problemático de estabelecer os critérios para o desenvolvimento de um conceito de memória coletiva.

### **1.2.1 A memória coletiva**

O desenvolvimento do conceito de memória coletiva perpassa pelo entendimento que ela é construída por indivíduos que através de suas ações tecem elementos que contribuem para a consolidação de usos e costumes dos grupos sociais que estão inseridos. Indo ao encontro da perspectiva construtivista apresentada por Pollak (1989, p. 04) que abandona a ideia de tratar “os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas. Como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade”. Para ele, ao aplicar essa abordagem à memória coletiva, ela passará a debruçar-se “pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias” (POLLAK, 1989, p.04).

A mudança do viés de estudo, de acordo com Pollak (1984, p. 04)

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "memória oficial", no caso a memória nacional. Num primeiro momento, essa abordagem faz da empatia com os grupos dominados estudados uma regra metodológica e reabilita a periferia e a marginalidade.

O mesmo autor afirma que “a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis” (POLLAK, 1989, p. 09).

Pode-se destacar ainda, de acordo com Motta (2012, p.25) que “a memória exerce um poder incomensurável na construção de uma identidade de grupo, consagrando os elementos

pelos quais os indivíduos se veem como pertencentes a determinado coletivo, muitas vezes em detrimento de outrem”. Ou seja, as relações estabelecidas a partir das noções de pertencimento<sup>1</sup> consolidam essa memória aglutinadora, que “é realimentada, reforçada, reinventada constantemente, principalmente em situações em que uma reflexão externa tenta solapar ou minar os elementos que unem o grupo e lhe conferem um sentido particular” (MOTTA, 2012, p.25).

Neste sentido,

Os elementos constitutivos da memória são importantes na medida em que nos ajudam a compreender sua força e o seu poder, pois, a partir desses elementos, ela realiza um esforço de unidade física dos membros que compartilham lembranças singulares. Logo, tais elementos são também um fenômeno socialmente construído, o que também nos permite afirmar que a memória e a identidade “são valores disputados em conflitos sociais” (Pollak, 1992, p. 204).

Motta (2012) ressalta ainda que é necessário estar atento com o fato de que a memória é constituída através de dois elementos principais a lembrança, e o esquecimento.

Em outras palavras, o processo de construção de memórias implica escolhas entre os fatos do passado que, por alguma razão, determinado grupo considera que devam ser lembrados/rememorados; e, ao fazer escolhas, o grupo também sublima, oculta ou esquece outros fatos. Tal aspecto é de fundamental importância para delinear a relação entre passado e a história do tempo presente (MOTTA, 2012, p.28).

Assim, é possível entender que a memória é uma construção coletiva seletiva, em que seus membros acabam escolhendo quais elementos serão preservados e terão continuidade no presente e quais momentos vivenciados ou experimentados, serão deixados a margem daquele grupo, enquanto este permanecer senhor de sua história.

Para Bosi (2007) “[...] na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho” (BOSI, 2007, p. 55). Neste sentido a autora suscita elementos que permeiam este processo de “lembrar”:

Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. [...] O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade em termos de ponto de vista. (BOSI, 2007, p. 55).

<sup>1</sup> A construção destas relações é analisada com esmero na obra “*Comunidades Imaginadas*” de Benedict Anderson.

A construção de uma memória coletiva neste sentido, implica diretamente na construção de uma memória histórica, auxiliando determinado grupo a construir um sentimento de pertencimento, seja no resgate daquilo que é importante que seja preservado, ou também, na omissão do esquecimento daquilo que na opinião desse coletivo não merece ser continuado. Assim, a memória coletiva pode ser entendida como a versão histórica construída ao longo do tempo por um grupo, a partir do tempo presente desse mesmo grupo.

No presente trabalho, essa construção da memória coletiva se evidencia importante, na medida que a produção literária analisada é corresponsável por realizar esse resgate histórico de elementos do passado, auxiliando na construção de uma visão sobre os fatos que fomenta a memória coletiva erexinense, não só quanto a sua origem migratória, mas como também quanto aos personagens que permanecem “vivos” ainda hoje.

### 1.3 IMPASSES NA CONSTRUÇÃO DE UMA NARRATIVA HISTÓRICA

Os desdobramentos da construção de uma memória coletiva geram ranhuras no processo de desenvolvimento de uma narrativa histórica, pois ao mesmo tempo que fornece escopo ao seu desenvolvimento, acaba produzindo questionamentos à quem está construindo esta narrativa, pois como vimos anteriormente ela é constituída de lembranças e esquecimentos. Gerando uma interdependência entre o passado e o presente. Neste sentido, para Le Goff:

Esta dependência da história do passado em relação ao presente deve levar o historiador a tomar certas precauções. Ela é inevitável e legítima, na medida em que o passado não deixa de viver e de se tomar presente. Esta longa duração do passado não deve, no entanto, impedir o historiador de se distanciar do passado, uma distância reverente, necessária para o respeitar e evitar o anacronismo (LE GOFF, 1994, p. 15).

Já o filósofo francês Ricoeur persiste em enfatizar a singularidade da narrativa histórica, ao destacar os processos específicos do exercício historiográfico, debatendo a favor e contra com os seguidores das correntes "cientificistas" e “narrativistas” na busca pela união de suas concernentes contribuições (DUARTE, 2017). Abaixo elaboramos um quadro acerca da operação historiográfica a partir da ótica de Ricoeur

Quadro 1 Fases da operação historiográfica

<b>Fase</b>	<b>Análise</b>
Fase documentária	tempo do calendário, a sequência das gerações, os arquivos, documentos, que são os rastros (caminho para a “verdade” histórica; a presença na ausência).
Fase explicativa/compreensiva	o encadeamento dos fatos a partir de determinados recortes teóricos e metodológicos
Fase representativa	Por fim, a articulação da fase documentária à fase explicativa/compreensiva, onde a narrativa conectará todos os eventos entre si e sua coerência define o evento.

Fonte: DUARTE (2017, p.136) adaptação nossa

De maneira que podemos considerar que o discurso histórico é o resultado dessas conexões, “Em síntese, o pensamento de Ricoeur aponta para uma reavaliação do realismo histórico e se constitui numa crítica ao estruturalismo e ao relativismo” (DUARTE, 2017, p.136).

Para Dosse (2012), a relação estabelecida entre a história e a memória tornou-se o centro da problemática relacionada entre a verdade e a fidelidade, remetendo ao “trabalho da memória” para desviar das “patologias memoriais” (p.22) como “sobrecarga de memória aqui, insuficiência de memória lá, como observou Paul Ricoeur (2000)” (Dosse, 2012, p.22). Para ele ainda,

[...] A dialética da História e da memória ajudou a incutir mais verdade na fidelidade, suscitando o necessário trabalho da memória e a construção de uma história social da memória coletiva. A ambição é ter sucesso com mais verdade, processo possibilitado pela História de construir uma memória compartilhada, isto é, mais “pacífica” (DOSSE, 2012, p. 22)

Ou seja, o conflito ordenado entre a História e a memória auxiliou numa busca mais fiel quanto ao resgate da memória coletiva, importando num trabalho científico e responsável, conhecedor dos pilares construtores da memória coletiva, que acaba por construir um resultado mais próximo da História, sem perder os elementos inerentes à construção da memória.

Retornamos a Halbwachs (2004) para analisar o processo que culmina na dispersão dos elementos que constituíram uma memória coletiva. Isso ocorre

Quando a memória de uma sequência de acontecimentos não tem mais por suporte um grupo, aquele mesmo em que esteve engajada ou que dela suportou as conseqüências, que lhe assistiu ou dela recebeu um relato vivo dos primeiros atores e espectadores, quando ela se dispersa por entre alguns espíritos individuais, perdidos em novas sociedades para as quais esses fatos não interessam mais porque lhes são

decididamente exteriores, então o único meio de salvar tais lembranças, é fixá-las por escrito em uma narrativa seguida uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem (HALBWACHS, 2004, p. 52).

A memória coletiva e história se distinguem de acordo com Halbachs (2004) em dois aspectos a priori, a primeira “É uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, já que retém do passado somente, aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém. Por definição ela não ultrapassa os limites deste grupo” (Halbwachs, 2004, p.53). De maneira que a sucessão não é tão traumática para os grupos que perdem o interesse em um determinado período de tempo.

Por sua vez,

A história divide a seqüência dos séculos em períodos, como se distribui o conteúdo de uma tragédia em vários atos. Porém, enquanto que numa peça, de um ato para outro, a mesma ação prossegue com os mesmos personagens, que permanecem até o desenlace de acordo com seus papéis, e cujos sentimentos e paixões progridem num movimento ininterrupto, na história se tem a impressão de que, de um período a outro, tudo é renovado, interesses em jogo, orientação dos espíritos, maneiras de ver os homens e os acontecimentos, tradições também e perspectivas para o futuro, e que se, aparentemente reaparecem os mesmos grupos, é porque as divisões exteriores, que resultam dos lugares, dos nomes, e também da natureza geral das sociedades, subsistem (HALBWACHS, 2004, p. 74).

A ciência da história costuma, pois, não apenas "narrar" essas modificações temporais de algo como seqüência de situações, mas também explicá-las. Ela expõe como se chegou de  $S_1$  e  $S_2$ , passando por uma série de situações intermediárias, a  $S_n$ . Conforme o que deve ser explicado ela se vale de diferentes modos de explicação e dos conhecimentos teóricos que lhes correspondem. Ela pode preceder assim, sem objeções de ordem lógica, na medida em que as explicações nomológicas e as intencionais não se contradizem; antes, servem umas às outras como complementares.

Considerando mais de perto esses passos argumentativos da explicação histórica, constata-se que a explicação que leva de  $S_1$  a  $S_2$  nunca está completa no sentido dos esquemas das explicações nomológicas e intencionais. Ela nunca está inteiramente garantida por um conhecimento formulado em termos teóricos e empregado para explicar (de forma que o procedimento não aparece, pois, como caso particular de uma regra universal, como aplicação de uma lei ou como execução de uma intenção do agir).

Assim, a construção da narrativa histórica erexinense é feita por diversos elementos, sem deixar de ser uma história do tempo presente, uma vez que muitos daqueles que produzem saber histórico vivenciaram ou ainda vivenciam o tempo objeto dessa produção.

## 2 HISTÓRIA E LITERATURA: DE ILLA FONT À DILL

Analisar a relação entre Literatura e História não é uma atividade das mais simples, tendo em vista que em seu processo de historicização “frequentemente, é negligenciado um dado essencial: a narrativa histórica e a narrativa literária surgiram e evoluíram a partir de um mesmo tronco: a epopeia clássica” (MATIAS, 2017, p. 22).

De acordo com Roani, “a Ficção e a História dividem o mesmo ato de remodelamento ou de refiguração das experiências vivenciadas no tempo, por meio de configurações de enredo, as quais assumem a forma de uma narrativa” (ROANI, 2010, p. 144).

Grecco (2015) por sua vez, afirma que

Tanto a escrita histórica como a literária compartilha um ambicioso projeto de apreender as realidades humanas, evidenciando a força das representações do passado propostas por esses dois diferentes discursos. Nesse sentido, pode-se verificar que a aproximação entre história e literatura já tem um percurso respeitável, de modo que muitos historiadores reconhecem no texto literário a possibilidade de se trabalhar com discursos que, em grau variado, revelam o campo de produção simbólica de uma época [...]. (GRECCO, 2015, p. 05).

Hutcheon (1991, p. 141) por sua vez relembra que “no século XIX, pelo menos antes do advento da “história científica” de Ranke, a literatura e a história eram consideradas como ramos da mesma árvore do saber, uma árvore que buscava “interpretar a experiência, com o objetivo de orientar e elevar o homem”. Ou seja, somente após a consolidação da Escola Rankeana ocorreu o cisma que “resultou nas atuais disciplinas distintas, a literatura e os estudos históricos, apesar de o romance realista e o historicismo de Ranke terem em comum muitas convicções semelhantes em relação à possibilidade de escrever factualmente sobre a realidade observável”.

Nesta mesma linha, Pesavento (2003) tece suas considerações acerca da relação entre História e Literatura: “[...] mediante aproximações e distanciamentos, entendendo-as como formas diferentes de dizer o mundo, que guardam distintas aproximações com o real [...]” e que “[...] ambas são formas de explicar o presente, inventar o passado, imaginar o futuro” (PESAVENTO, 2003, p. 80; 81).

## 2.1 APONTAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Uma pesquisa científica pode ser definida como “procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos” (GIL, 2002, p. 17). Neste sentido, para analisar o papel do Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font para a construção das obras “Serra do Erechim: Tempos Heroicos” do advogado e patrono do Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font e “O dia em que Shakespeare visitou José Bonifácio”, romance do Promotor Público João Francisco Campelo Dill, realizamos uma revisão bibliográfica acerca dos conceitos de memória coletiva, narrativa.

Na sequência, dissecaremos as obras citadas, para analisar o papel do Arquivo no processo de construção das obras e a forma como abordaram a história local.

## 2.2 LIVRO SERRA DO ERECHIM: TEMPOS HERÓICOS

A obra é de autoria de Juarez Miguel Illa Font e foi escrita em 1983 e faz um resgate histórico / memorialístico da cidade de Erechim, dividida em vinte e um capítulos distribuídos em 334 páginas.

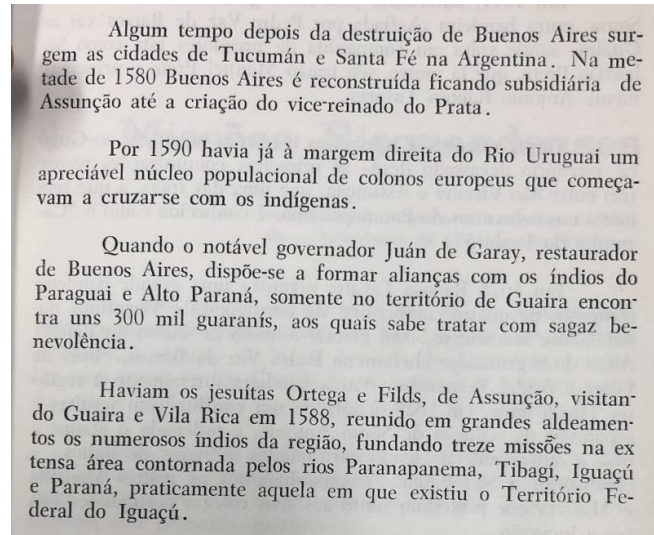
Abaixo a capa da obra escrita por Illa Font:

**Figura 3** Livro Serra do Erechim Tempos Heroicos de Juarez Miguel Illa Font



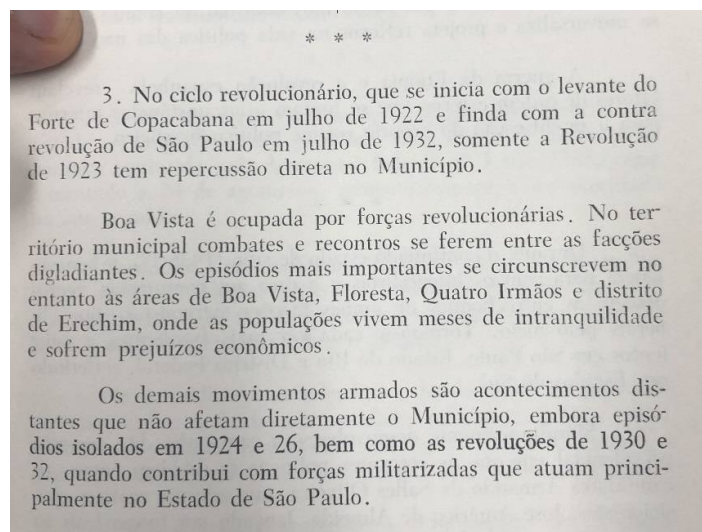
Fonte: Foto do Autor

Primeiramente, se faz importante registrar algo peculiar na obra que talvez colocaria Leopold Van Rake de “cabelo em pé”, é o fato do Autor não fazer referências bibliográficas nem citar fonte enquanto vai relatando fatos históricos ou cita algum acontecimento relevante, aproximando a narrativa do livro a um conto da história, como destacamos em um exemplo, mas que acompanha toda a obra (pg. 35):



Fonte: Foto do autor

Apesar dessa ausência de referências em geral, cabe destacar que o Autor consegue de maneira simples e objetiva situar os acontecimentos históricos mundiais e nacionais com o município, apesar de parecer mais uma mera opinião do que uma constatação, em face a ausência de referência documental.



Fonte: Foto do autor



Ainda sobre a maneira como o Autor comunica e trabalha a informação, muitas vezes foi possível observar quebras na narrativa, partindo de questões locais e subitamente indo a personagens e fatos do continente, sem identificar o tempo e o personagem ao leitor, causando confusões e dificuldades de leitura, e até mesmo prejudicando o próprio desenrolar do livro.

Propriamente sobre o livro, este começa apresentando conceitos de Imigração e Migração, Cosmopolitismo, Nacionalidade, Brasilidade e Democracia. No segundo parágrafo da obra já rebate alguns historiadores e memorialistas que normalmente ao discorrerem sobre os primórdios da cidade usam o termo Imigração, sendo que, na verdade,

Ao invés de servir a imigração de colonos europeus para o rompimento e progressão ordenada do povoamento, **verifica-se a colonização da quase totalidade da gleba devoluta do Estado por riograndenses de diferentes origens étnicas e procedências várias, em fluxos de migração interna** que se faz paralelamente até 1913 quando, devido à guerra mundial, cessa por completo a imigração de países da Europa. **Daí por diante, somente chegam à colônia imigrantes poloneses e outros que já se encontravam no País** (ILLA FONT, 1983, p. 11)<sup>2</sup>.

Em seguida, vai descrevendo o avanço populacional da Colônia ao longo da primeira década de colonização, a grande questão é que mesmo com a explicação acima, ele adota no restante do trabalho apenas o termo “imigrante” e ao mencionar as etnias utiliza “italianos, alemães, poloneses”, talvez por isso tantos são induzidos à utilizar o termo e por consequência transformar os migrantes em imigrantes europeus, desconsiderando ou mesmo desconhecendo o processo migratório do período.

A percepção do último parágrafo do item 2.21, já aparece na página 14 com o subtítulo “Erechim nasce sob o signo do cosmopolitismo” e na página 15 com o fragmento a seguir:

Recebe a quantos cidadãos do mundo vêm trabalhar, formar famílias, estabelecer lares, implantar empresas, lançar sementes culturais, erigir templos, edificar colégios, criar obras particulares e públicas, **organizar uma sociedade com aspirações e realizações desenvolvimentista, construir na terra nova uma cidade com fundamentos brasileiros e cristãos.**<sup>3</sup>

Prossegue discorrendo sobre a criação dos clubes esportivos e das sociedades “culturais” como o Vinte e Cinco de Julho (Alemães), CER Atlântico (Italianos) e a Sociedade Recreativa e Cultura Rui Barbosa (Poloneses).

<sup>2</sup> Grifos nossos

<sup>3</sup> Grifo nosso

Em outro trecho deparamo-nos novamente com um trecho de forte cunho ufanista ao escrever: “Erechim não nasceu apenas sob o signo do cosmopolitismo mas igualmente da brasilidade”. No parágrafo seguinte aprofunda o discurso ao afirmar que: “Nele (*município*) aflorou um **modelo precursor de democracia racial, social e política**<sup>4</sup>” (p.25).

Quanto ao contexto histórico, nos capítulos iniciais o autor faz um resgate histórico desde a formação do “Continente de São Pedro” – primeiros municípios, latitude, longitude, limites – até o início da colonização da Colônia Erechim em 1908. Nos dois capítulos a seguir aborda o desenvolvimento da Colônia e a municipalização de Erechim, enfatizando a importância da ferrovia para o surgimento e desenvolvimento da Colônia.

Outro elemento de destaque é a retomada da ideia que o projeto era baseado na imigração europeia, todavia com o cenário nebuloso naquele continente teve como efeito: “[...] brasileiros de várias descendências étnicas começam a vir para a Colônia, procedentes das colônias velhas e mesmo de outras regiões do Estado e fora dele. Dentro em pouco os barracões de imigrantes acabam perdendo a razão de ser” (p.95).

Detalha na sequência os migrantes que vieram para a Colônia – lembrando que a sede até meados de 1914 era onde hoje encontra-se o município de Getúlio Vargas – a preocupação de Severiano de Almeida com a distância da Sede em relação à Viação Férrea, motivo que levou a Sede ser onde hoje é o município de Erechim.

Após apresentar os elementos que permearam a municipalização de Paiol Grande em 30 de abril de 1918 (Decreto nº 2.342), rememora os primeiros passos da municipalidade, os impactos da Revolução de 1923, as dificuldades posteriores relacionadas aos desdobramentos políticos, perpassando pelo movimento Tenentista e pela Revolução de 1930, tudo isso permeado pelos dados eleitorais do período.

Cabe também destacar, que Illa Font aborda a importância da estrada de ferro e como ela impulsionou os novos povoamentos e ajudou na proliferação de serrarias na região, sendo esta uma das grandes propulsoras da colonização e da economia no início do século. Ainda destaca a ICA e a empresa colonizadora Luce, Rosa & Cia e a importância dessas na região, bem como traz curiosidades como as primeiras partidas de futebol, a primeira bomba de gasolina e a crise madeireira.

Também é presente na obra o período democrático da primeira metade da década de 1930, perpassando pelos elementos que culminaram na implantação do Estado Novo, destaca a

<sup>4</sup> Grifo nosso.

movimentação política local e estadual neste momento. O levantamento histórico dos dados da prefeitura e câmara de vereadores é baseado possivelmente em documentos oficiais destas casas.

Há espaço para o Estado Novo, a 2ª Guerra Mundial, o retorno dos pracinhas erechinenses, já no último capítulo tece comentários acerca do desenvolvimento da cidade, como vemos no fragmento abaixo:

A cidade de Erechim sofrera sensíveis mutações urbanísticas, arquitetônicas, sociais, culturais e econômicas, desde a aquele pequeno núcleo de rústicas casas de madeira, aglomeradas um tanto desordenadamente na frente sul da estação ferroviária, que somente haveriam de encontrar localizações exatas a partir de 1914, depois da locação do projeto urbano do povoado pioneiro (p.318).

A relação entre história e memória fica explicitada ao longo da obra pois o autor além de discorrer acerca dos fatos históricos, ele vai inserindo elementos acerca da construção da memória coletiva da cidade, como vimos nos trechos grifados ao longo do texto.

Ainda, importante destacar que o Autor acaba muitas vezes explicitando sua opinião como historiador do tempo presente e próprio personagem histórico como quando cita a si próprio em pg. 191 quando assumiu um cargo administrativo em 1929. Quanto à opinião sobre alguns personagens históricos, o Autor deixa claro seu posicionamento algumas vezes:

A história de Erechim cometerá grave e imperdoável injustiça se não colocar sua administração em posição saliente e o coronel Pedro Pinto de Souza no rol dos excelentes administradores erechinenses de todos os tempos. (p. 178)

Assim, sem que seja preciso analisar a bibliografia utilizada por Illa Font para escrever sua obra, é possível perceber a importância dos documentos históricos utilizados pelo Autor para descrever e apontar fatos e personagens da história de Erechim e região, mesmo que esta seja feita por um de seus personagens e que hoje dá nome ao Arquivo Histórico.

### 2.3 LIVRO “O DIA EM QUE SHAKESPEARE VISITOU JOSÉ BONIFÁCIO”

O segundo livro a ser apresentado e que serve de fonte histórica para o presente trabalho é o livro do promotor público e escritor, João Francisco Campello Dill, intitulado “O Dia em que Shakespeare visitou José Bonifácio”, em razão da obra se alimentar do arquivo histórico municipal para construir suas três histórias principais e dar vida a personagens que passeiam

entre história real e os fatos comprovadamente ocorridos e as histórias romaneadas pelo escritor.

Destacamos primeiramente o excerto abaixo em que Dill apresenta algumas comparações interessantes acerca das dificuldades de reconstruir / rememorar fatos históricos que são analisados na obra:

“[...] qualquer outra manifestação cultural, que, tendo por pano de fundo a Big Apple, não ganhe mais vida. A metrópole norte-americana é, ao mesmo tempo, palco e personagem. Erechim é assim: palco de incríveis acontecimentos e personagem único, rico, complexo, que espera ainda por decifração. Ao mesmo tempo que possibilita e estimula o surgimento de personagens e seus dramas pessoais fantásticos, a capital do Alto Uruguai devora-os, antropofagicamente, não permitindo que possam empalidecer o ator principal: a cidade. Revelá-los não é tarefa fácil, nem indolor. Significa mexer no passado, revirar as entranhas de uma criatura que se mostra dócil e hospitaleira, mas que, no fundo, possui uma face oculta sedutora, porém cruel. De Erechim, todos conhecem e se orgulham da porção Jekyll. Poucos sabem de sua porção Hyde. Desde os tempos de Paiol Grande, a cidade recebeu e abrigou milhares de imigrantes, os quais, misturando-se com o povo local fundaram particularíssima sociedade miscigenada, com códigos e regras próprios. Alguns personagens quebraram estas regras, derrubaram tabus, mas pagaram um preço alto pela novidade. De certa forma foram pioneiros e apresentaram a Erechim uma face desconhecida e trágica. Resgatá-los, é como olhar no espelho da alma e descobrir o quão violentos, mesquinhos, sórdidos podemos ser, mas, decididamente, humanos. Esta história precisava ser contada.”

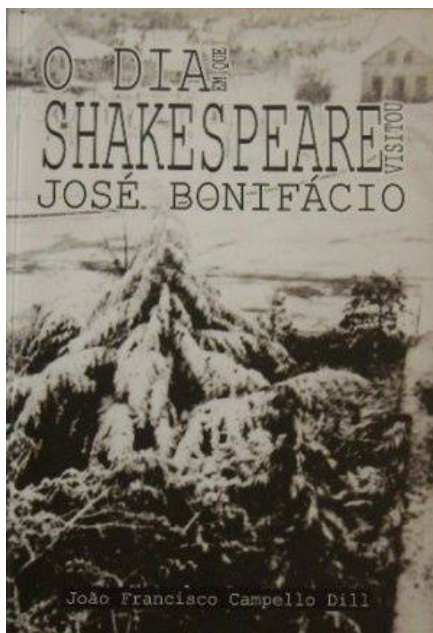
É possível perceber no trecho destacado, que na opinião do Autor, Erechim é tão incrível e única quanto uma metrópole conhecida mundialmente, e que assim como há de se destacar a beleza, o culto aos heróis do passado, e o orgulho de ser uma sociedade oriunda da miscigenação de etnias, há ainda a história que nem todos querem preservar, mas que é presente nesse passado de glórias e também de crueldades. Uma história que muitas vezes é propositalmente esquecida pela memória coletiva, mas que o Autor busca resgatar para dar vida à sua obra.

Como mencionado, o livro é dividido em três histórias criadas e contadas por Dill a partir de três processos judiciais que correram em nossa comarca e atualmente se encontram preservados em nosso Arquivo Municipal, como bem observa o escritor (DILL, p. 11):

Há alguns anos, quase por acaso, descobriu-se, nas dependências do antigo Foro de Erechim, milhares de processos arquivados e que estavam sofrendo a ação do tempo, da umidade e das traças. Foram remetidos ao Arquivo Histórico Municipal, passando então a um cuidadoso processo de catalogação. Ainda resta muito a ser feito, mas no que estava arquivado cientificamente, examinou-se processo por processo. O objetivo era encontrar casos que tivessem marcado a trajetória do histórico criminal de Erechim, estudá-los, trazê-los a conhecimento público.

Abaixo vemos a capa da obra escrita por Dill:

**Figura 4** Livro o Dia em que Shakespeare visitou Erechim



Fonte: Foto do autor

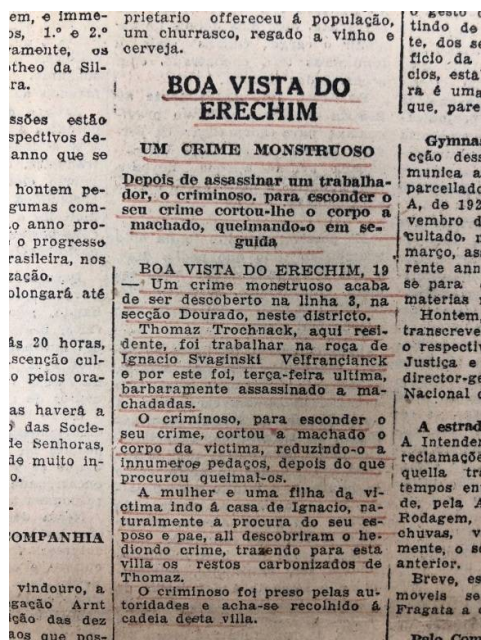
Os processos são a Ação Penal movida pela Justiça Pública de Erechim contra Ignácio Ivarczinski Vel Franczak de 1930, a Ação Penal movida pela Justiça Pública de Erechim contra Ladislau Szimanski de 1940 e a Ação Penal movida pela Justiça Pública de Erechim contra Amadeu Lima de 1951.

Como promotor de Justiça, Dill lida diariamente com fatos e histórias similares às daquelas que fomentaram suas três histórias, entretanto, o livro evidencia uma criação literária ficcional do Autor para construir suas histórias e por conseguinte, contar a História dos seus personagens, inclusive dos personagens ficcionais.

É possível identificar ao longo da leitura, que a escrita das histórias foi precedida por um profundo estudo historiográfico, não só das ações penais, como também da época, como é possível verificar quando da citação de eventos sociais da época ou dos costumes das famílias colonizadoras.

Assim, a primeira história intitulada “Carta a Longines Malinowski” se baseia na ação penal movida pela Justiça Pública de Erechim contra Ignácio Ivarczinski Vel Franczak de 1930, que ficou conhecida na história de Erechim como “O Come gente”, um imigrante polonês que teria assassinado Thomaz Prucnhak e se alimentado da carne, tendo sido fonte inspiradora de outras obras e até filmes em razão do suposto canibalismo ocorrido após o crime.

**Figura 5** Matéria Jornalística de fevereiro de 1930



Fonte: foto do Autor

Para contar essa história criminal que ficou na memória dos erechinenses, o escritor se vale de outro personagem importante e que hoje dá nome ao parque central da cidade, o professor e agrimensor Longines Malinowski, que assim como o personagem da ação penal e do livro, também é de origem polaca, tendo a colonização polonesa expressiva relevância na história de Erechim, como é possível constatar na obra da professora Isabel Gritti, “Imigração e Colonização Polonesa no Rio Grande do Sul: A emergência do preconceito”.

Em “Cartas a Longines Malinowski” o autor mescla dados históricos em meio ao seu conto/romance, onde Longines Malinowski em setembro de 1939 teria recebido uma carta do assassino Ignácio Ivarczinski Vel Franczak, onde este narra sua história desde terras polonesas até sua imigração e vida em Erechim e o fatídico assassinato de seu conhecido Thomaz Prucnhak.

O Autor se utiliza de todo o acervo do Arquivo Histórico e não apenas da ação penal, como é possível constatar na passagem (p. 21):

As festividades alusivas à Semana da Pátria estavam bem adiantadas no Município de José Bonifácio. Convocavam-se os clubes sociais, as escolas e estudantes para participarem de desfiles. Um torneio de futebol ocorreria durante a semana, destacando-se o match entre Ipiranga e 14 de Julho. No rádio, o programa A Nota Alegre da Cidade anunciava palestras radiofônicas, cujo tom principal era a exaltação ao país.

Fica claro no destaque acima, que o Autor busca no acervo do nosso Arquivo Histórico informações da época para situar o leitor e dar ares de época ao seu texto, o que evidencia todo o cuidado em respeitar os dados históricos, sem prejudicar a parte criativa e ficcional da correspondência entre os personagens de sua história, o agrimensor homenageado e o assassino canibal.

Entretanto, mesmo a parte ficcional da história narrada, quer seja da vida de Ignácio na Polônia e de toda sua imigração até a cidade de Erechim, requer um mínimo de pesquisa histórica para dar responsabilidade aos fatos narrados, como no período de guerra ainda em terras europeias e supostamente vivido pelo personagem, como nas condições precárias da viagem imigratória e de vida já em terras tupiniquins.

Dill ainda incorpora sua análise crítica feita sobre a Ação Penal ao Personagem principal de sua história, quer seja Ignácio Ivarczinski Vel Franczak, popularmente conhecido posteriormente como “O come gente”, como quando analisa se de fato Ignácio teria se alimentado da carne humana de sua vítima, explicando o que teria ocorrido de fato através da fala do personagem, e, posteriormente, ao final, quando ele escritor, analisa a história histórica e seus “personagens”:

“Alguns episódios ainda merecem esclarecimento, professor: Jamais comi carne humana. O que fiz, no dia seguinte, foi aproveitar o fogo e preparar polenta para o café. Nem durante a guerra havia feito isto. Come-se cavalo, cachorro ou qualquer outro animal em tempos de guerra e fome, mas nunca encontrei um soldado sequer que tenha relatado tamanha atrocidade” (p. 73).

“Verdade seja dita. O come-gente nunca comeu gente. É o que se extrai da leitura dos autos da ação penal a que respondeu Ignácio Ivarczinski Vel Franczak. Os personagens envolvidos no processo-crime nunca acreditaram de fato na hipótese de canibalismo. Relataram boataria. Quanto a morte de Thomaz e o subsequente esquartejamento do corpo, nenhuma dúvida. Como toda lenda, o que é verídico e o que é fantasia andam por caminhos muito próximos. Iterseccionam-se fatalmente”. (p. 93)

No primeiro trecho acima, é o assassino real Ignácio Ivarczinski Vel Franczak em carta fictícia a Longines Malinowski que se defende das acusações de canibalismo explicando as condições da cena do crime, esta real com base na Ação Penal. Já o segundo trecho, o próprio escritor faz questão de esclarecer a lenda, ponderando e atribuindo à boataria e não a fatos ou testemunhos o suposto ato de canibalismo atribuído a ele até os dias de hoje.

Por fim, os capítulos finais de sua primeira história são dedicados não ao seu conto/romance, mas a explicá-lo, trazendo ao leitor toda a bagagem de sua pesquisa histórica, como do local do crime, do perfil de Ignácio, da colonização polonesa, buscando inclusive traçar

possíveis causas e motivações para o crime e para o comportamento do assassino posteriormente. Identifica ainda e esclarece a relação entre os dois principais personagens de sua história:

O professor Longines Malinowski atuou como intérprete de Ignácio Ivarczinski Vel Franczak na sessão do Tribunal do Júri ocorrida em 10 de maio de 1930. Atuou também durante a instrução do caso, na audiência de 31 de março de 1930, servindo de intérprete para o réu, para a esposa da vítima, Valéria Pruchhak, para a testemunha Estefano Kovalczik (DILL, p.109).

Na segunda história do livro, “O dia em que Shakespeare visitou José Bonifácio”, que se baseia na Ação Penal movida pela Justiça Pública de Erechim contra Ladislau Szimanski de 1940, Dill narra o que teria acontecido com Josephina Cichevycz, 14 anos, assassinada em sua residência, enquanto seus pais estavam fora de casa, no interior do município de Erechim.

Enquanto em sua primeira história com base em ação penal o Autor criou uma suposta comunicação entre dois personagens históricos em nossa cidade, nessa segunda história Dill faz uma espécie de homenagem ao escritor inglês William Shakespeare, na medida que um de seus célebres personagens, Hamlet, teria feito uma “visita” ao promotor do caso e ajudado a buscar uma estratégia ao caso e na busca da identificação do assassino da jovem.

Em razão da comoção entre os municípios e da falta de um condenado pela morte da jovem Josephina Cichevycz, o então promotor da época no município, Dr. José Barros Vasconcellos buscava uma forma de identificar o criminoso, buscando nas provas técnicas e na exumação do corpo, uma saída para aquela ausência de culpabilidade.

A história relata de forma romanceada, a atuação do promotor e como a visita do personagem Hamlet à casa do promotor, o teria dado dicas de como incriminar o principal suspeito da morte da jovem. No decorrer da história, o Autor vai mesclando sua história com trechos da investigação e da ação penal, como no trecho:

Como era de se esperar, a exumação foi infrutífera, respondendo o médico-legista Dr. Carlos Carone da seguinte maneira: “...o perito deu por terminado o exame, deixando de responder ao quesito acima formulado, digo, formulado, por falta de dados, pois não foram encontrados elementos capazes de esclarecer, ou melhor, de afirmar ou negar que a solução de continuidade existente no craneo, seja uma lesão espontânea ou provocada e que indique que a morte tenha sido produzida por agente traumático (DILL, p. 171).

A leitura da ação penal e do Tribunal do Juri propriamente, através da história criada por Dill é emblemática, na medida que o leitor consegue identificar quando os textos são extraídos dos documentos históricos, entretanto, quanto à atuação do então promotor do caso, Dr. José



Barros Vasconcellos e o transcorrer do julgamento este mesmo leitor tem dificuldades em identificar o que é romance e o que é fato histórico, se tratando de mérito do escritor em face à sua profunda pesquisa e ao conhecimento de atuação de um promotor público, sendo que esta também é a sua profissão.

Outro ponto a se destacar é a homenagem do Autor a Shakespeare e a escolha cirúrgica do personagem teatral Hamlet, muito pela atuação da atividade de um promotor público durante um Tribunal do Juri, que muito depende da oratória, e por vezes de uma “atuação” teatral na busca do convencimento de sua tese pelos jurados, representantes da sociedade em um julgamento, o que se pode observar no trecho: (p. 199):

Última cena: o Dr. Promotor Público volta-se para o corpo de jurados, abre os braços e repete: *palavras, palavras, palavras!* É só do que o acusado dispõe! Lembra: *As ações más, embora a terra as cubra, não se subtraem aos olhos dos mortais!* Puro Shakespeare!”

Volta-se para a platéia, hipnotizada, e conclui com voz firme, mas comedida: *O resto é silêncio!*

Dizem que nunca se ouvira uma ovação como aquela. Há quem jure que, ao sair de cena o Dr. José Barros Vasconcellos, viu uma cortina descendo, luzes se acendendo, como ao fim de uma peça teatral” (DILL, p. 199).

Também ao final desse segundo conto/romance, os capítulos finais são dedicados pelo Autor para suas ponderações sobre a Ação Penal propriamente dita e seus personagens, incluindo opiniões próprias a partir da sua visão dos fatos e de sua vivência como promotor e atuante no Tribunal do Juri de nossa cidade. Também, assim como na sua primeira história, ao final o Autor colaciona fotos dos documentos e dos personagens relacionados, fruto de sua pesquisa e do acervo de memória do Arquivo Histórico, base de sua pesquisa.

Em sua última história do livro “O dia em que Shakespeare visitou José Bonifácio”, chamada “Por um punhado de fósforos”, o ponto de partida é a Ação Penal movida pela Justiça Pública de Erechim contra Amadeu Lima de 1951, onde o Autor relata a história da morte de Wilma Bonifácio de Moura por seu marido, o policial militar Amadeu Lima.

Diferente das duas primeiras, essa história trata de um crime obviamente passional, tendo uma narrativa mais simples, sem a criação pelo Autor de interferências poéticas e atemporais. Conta como o casal se conheceu, casou, veio morar em Erechim, e como teriam iniciados as suspeitas de traição pelo marido, até a descoberta por este, de um suposto plano da esposa para separar-se, o que teria motivado o crime.

O que chama a atenção para o caso, além da própria referência de Nelson Rodrigues feita por Dill, é a lembrança eterna da dúvida de Bentinho à uma possível traição de Capitu. Toda a

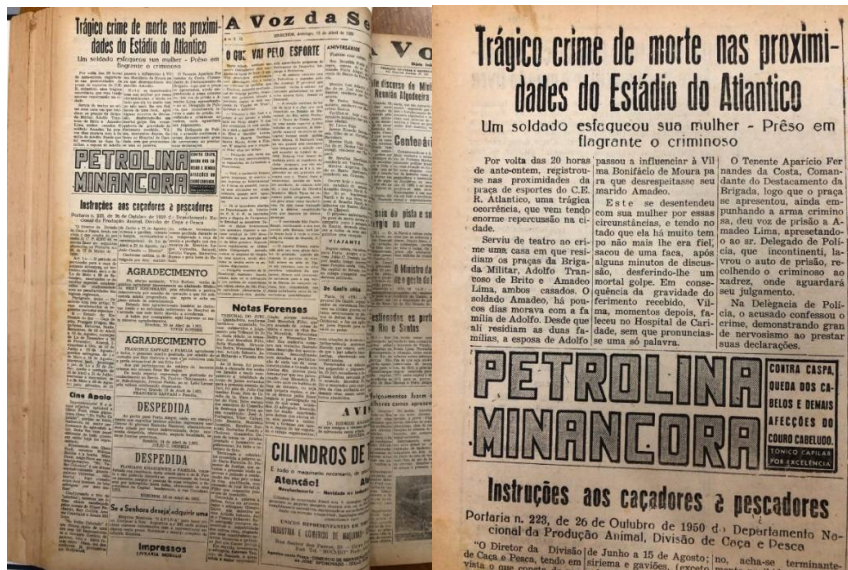
narrativa dessa história, teve como base o interrogatório do acusado após o crime, que o Autor faz questão de transcrever:

Em juízo, o famoso interrogatório que deu origem a presente história, ocorreu em 28 de abril de 1951. Amadeu deu sua versão dos fatos:

*'...que conhece as testemunhas arroladas, tendo a dizer que foi a de nome Maria Eva Schutzauer, quem desencaminhou a vítima, facilitando a entrada de homens para dentro de casa, para terem encontros amorosos com a vítima... que já no primeiro dia, Maria Eva Schutzauer procurou convencer o declarante e sua esposa de que deveriam participar de sua religião, que era a do "Círculo dos Caboclos"... que quando voltou, Maria Eva lhe contou, digo, voltou, sua esposa lhe contou que Maria Eva, a tinha convencido digo, convencido de que a religião do "Círculo dos Caboclos" era muito boa e que tinha aderido a referida religião;... quando volto...a menina Sivila Gavenda lhe referiu que Maria Eva fizera entrar u homem para dentro de casa, homem esse que se fechara num quarto com a mulher do declarante; que o declarante foi procurar sua mulher e interpelou-a a respeito, tendo ela respondido que o fato era verdadeiro; que maria Eva convencera de que deveria receber um homem e que ela fizera aquilo por sua vontade, porquanto ela não topava mais "a cara" do declarante; que o declarante pediu então a sua mulher que, se não quisesse respeitá-lo, que respeitasse ao menos sua farda... que sua esposa respondeu que estava contente com o que fizera e que iria continuar a procede da mesma maneira... ao ouvir essas palavras, ficou desatinado e não sabe explicar a maneira como golpeou sua mulher com a faca... (DILL, p.300)*

Nesta última história, por sua complexidade ser inferior às demais, as ponderações do Autor se resumem a um capítulo, seguido por documentos e fotos da época, que relatam o crime e suas repercussões.

**Figuras 6 e 7** Matéria Jornalística de abril de 1951



Fonte: fotos do Autor

Finalmente, Dill encerra sua obra de ficção baseada em fatos que ocorreram nesta cidade de Erechim, e que mantém sua memória até os dias atuais através do Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font, com considerações sobre a natureza do crime e sua fascinação entre Autores e seus personagens. Dill demonstra nessa obra não apenas uma paixão por sua profissão e pelos elementos a ela inerentes, mas sua paixão pelo contar histórias, aproveita todo seu conhecimento jurídico e literário para transformar crimes do passado em histórias de nossa memória.

## 2.4 CONTRAPONTO

O acervo do Arquivo Histórico possibilita múltiplas análises dos documentos ali contidos, a partir do viés que “a prática discursiva [...] envolve processos de produção, distribuição e consumo textual, e a natureza desses processos varia entre diferentes discursos de acordo com fatores sociais” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 106). Pêcheux (1995) afirma que:

[...] toda prática discursiva está inscrita no complexo contraditório-desigual sobre determinado das formações discursivas que caracteriza a instância ideológica em condições históricas dadas. Essas formações discursivas mantêm entre si relações de determinação dissimétricas (pelos ‘efeitos de préconstruído’ e ‘efeitos transversos’ ou de ‘articulação’ [...] de modo que elas são o lugar de um trabalho de reconfiguração que constitui, segundo o caso, um trabalho de recobrimento-reprodução-reinscrição [...] a questão da prática discursiva levará necessariamente à questão do complexo das formações discursivas na forma-sujeito. Não se trata de dizer, porém, que uma prática (discursiva ou não) seja a prática de sujeitos [...] (PÊCHEUX, 1995, p. 213- 214).

Nesta mesma linha, Bakhtin (1998), afirma que “todas as palavras e formas que povoam a linguagem são vozes sociais e históricas, que lhe dão determinadas significações concretas e que se organizam no romance em um sistema estilístico harmonioso” (BAKHTIN, 1998, p. 100).

Ambos autores não são historiadores por formação, mas flertam com o ofício tendo em vista que ocuparam-se da “meta ideal de refazer, no discurso presente, acontecimentos pretéritos, o que, a rigor, exigiria se tirassem dos túmulos todos os que agiram ou testemunharam os fatos a serem evocados” (BOSI, 2007, p. 59). E, em virtude de estarem trabalhando com acontecimentos já vencidos pelo tempo, são obrigados a “reconstruir, no que lhe for possível, a fisionomia dos acontecimentos. Neste esforço exerce um papel condicionante todo o conjunto de noções presentes que, involuntariamente, nos obriga a avaliar (logo, a alterar) o conteúdo das memórias (BOSI, 2007, p. 59).

Emerge a questão de como o autor / pesquisador vai conduzir o trabalho após analisar as fontes, afinal elas desvelam nomes, datas, acontecimentos. Pêcheux afirma (1995, p. 214), “todo sujeito é constitutivamente colocado como autor e responsável por seus atos”, ou seja, a escolha do pesquisador / autor vai segui-lo durante a construção e a disponibilização do material elaborado.

Ambos autores citam nomes, sobrenomes, datas, acontecimentos e seus desdobramentos, enquanto a obra de Illa Font (1983) faz um resgate histórico e memorialístico da história local, bebendo de obras como Subsídios para História de Erechim, de Oscar da Costa Karnal (1929), Histórico de Erechim de Ernesto Cassol (1979) e O Grande Erechim e sua História de Antônio Ducatti Neto (1981), Dill utiliza-se de processos crime encontrados no Arquivo Histórico.

Acerca da construção da obra de Illa Font podemos perceber os pré discursos, compreendidos “como operadores na negociação do compartilhamento, da transmissão e da circulação do sentido nos grupos sociais: eu os defino como um conjunto de quadros pré-discursivos coletivos que têm um papel instrucional na produção e interpretação do sentido em discurso” (PAVEAU, 2007, p. 318). Estes pré-discursos,

São quadros de saber, de crença e de prática que não estão disponíveis apenas no espírito dos indivíduos e na cultura dos grupos (é sua natureza representacional), mas estão distribuídos, no sentido cognitivo desse termo, nos ambientes materiais da produção discursiva (sua natureza prática e mesmo técnica, como veremos). Os pré-discursos não são sequências discursivas identificáveis (discursos que teriam sido produzidos antes, o que os aproximaria do discurso relatado e do dialogismo), mas quadros prévios tácitos, assinalados nos discursos atuais por um certo número de fenômenos. (PAVEAU, 2007, p. 318).

Neste sentido, o discurso encontrado no livro Serra do Erechim Tempos Heroicos enquadra-se como uma memória cognitivo discursiva, pois mesmo não possuindo ISBN, tornou-se referência para construções de pesquisas acerca da história local, seja ela escrita ou falada:

Trata-se, de fato, de uma memória cognitivo-discursiva que elabora as linhagens discursivas, as quais podem ser definidas como dispositivos representacionais internos e externos, permitindo acolher e transmitir conteúdos semânticos ligados aos saberes, crenças e práticas. Isso quer dizer que existem ‘lugares de memória’ discursivos e cognitivos. (PAVEAU, 2007, p. 325-326).

Com relação ao discurso adotado na obra de Dill, podemos perceber um elemento que em 1999 Roani já discorria:

Sempre haverá um público ávido em inteligir os acontecimentos através do manto diáfano da fantasia e da ficção literária que torna os eventos passados acessíveis e as personagens e figuras históricas extremamente humanas na sua condição de heróis, homens ou agentes do processo histórico. Enquanto gênero, a narrativa de cunho historiográfico continua cativando na contemporaneidade uma parcela considerável de leitores, o que pode ser atestado pelo sucesso de público e crítica, alcançado por autores como: Umberto Eco, Marguerite Yourcenar, Salman Rusdhie, L. E. Doctorow, Garcia Márquez, Alejo Carpentier, José Saramago e tantos outros (ROANI, 1999, p. 35-36).

Assim, Dill com uma escrita leve, acaba suavizando os fatos que são violentos em essência e que marcaram negativamente a memória coletiva local nas primeiras décadas do século XX, transformando fatos por assim dizer, macabros, em histórias literárias de peculiar criatividade, capazes de entreter e produzir conhecimento histórico.

Apesar de tratar-se de contos criados a partir de histórias reais, é possível ao leitor quando lê a obra de Dill, vivenciar a época de cada história, seja quando este relata o fim da segunda guerra descrevendo os munícipes comemorando na Praça da Bandeira, seja quando relata os colonos se deslocando um final de semana inteiro para “carnear” um porco na casa de familiares, deixando explícito os costumes locais da época.

Além de retratar com romantismo o passado de Erechim e sua sociedade, através do terceiro do conto de seu livro, também é possível perceber os valores da sociedade em meados do século XX, na medida que a ação penal trata de crime passional motivado por suposta traição, nos moldes de Bentinho e Capitu. A suposta traição da esposa “transforma” um brigadiano pacato em um assassino confesso, deixando evidente como a honra era algo ainda a ser defendido, algumas vezes de maneira equivocada e infeliz como no conto trazido por Dill.

Não é preciso ser um livro de História para levar ao leitor/ aluno, como eram os costumes, as famílias e a engenharia social de uma época, e isso é facilmente possível constatar na obra de Dill, através do cuidado e da pesquisa feita pelo promotor e historiador nas horas vagas. Além desse retrato histórico fiel, o Autor, ao final de seus contos, busca analisar a Ação Penal original, e também se utilizando de sua experiência profissional, construir algumas ocorrências possíveis para cada história, sem impor uma verdade, apresentando apenas possibilidades com base na leitura dos documentos históricos.

Portanto, as duas obras remontam a história de Erechim, enquanto Illa Font reforça um caráter heroico / ufanista conforme vemos no título da obra, para reconstituir a história da sociedade local, Dill retrata a sociedade erechinense a partir dos processos crime encontrados no Arquivo Histórico, transformando as transformações sociais em plano de fundo dos seus escritos.

## CONCLUSÃO

O presente trabalho de conclusão de curso foi norteado pelo questionamento acerca da utilização do lugar de memória denominado Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font de Erechim para a construção do saber histórico e da conservação da memória. Buscou-se elucidar se esta construção é apenas historiográfica ou pode ser aplicada à literatura também como fomentadora desse saber.

A utilização do acervo do Arquivo Histórico não se restringe aos documentos históricos apenas, processos crime, mapas, plantas e jornais, possibilita que outras áreas do conhecimento possam beber em suas fontes para desenvolver pesquisas, futuros arquitetos, jornalistas, advogados, licenciados e administradores possam produzir contribuições relevantes a partir dos documentos lá encontrados.

O objetivo geral da pesquisa versava sobre o papel do Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font para a construção das obras “Serra do Erechim: Tempos Heroicos” do advogado e patrono do Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font e “O dia em que Shakespeare visitou José Bonifácio”, romance do Promotor Público João Francisco Campelo Dill.

Como vimos ao longo da exposição, o Arquivo Histórico possibilitou que as duas obras fossem escritas, a de Illa Font utilizou-se da bibliografia existente, *Subsídios para História de Erechim*, de Oscar da Costa Karnal (1929), *Histórico de Erechim* de Ernesto Cassol (1979) e *O Grande Erechim e sua História* de Antônio Ducatti Neto (1981), imagens e documentos oficiais do acervo do então Arquivo Histórico que era localizado no subsolo da Prefeitura de Erechim.

Dill por sua vez utilizou os processos crimes que foram acolhidos no período em que o Fórum de Erechim mudou-se da Praça da Bandeira ao lado do Prédio da Comissão de Terras para seu endereço atual na rua Clementina Rossi. A equipe que trabalhava no Arquivo Histórico naquele período higienizou e catalogou os processos, que a posteriori foram utilizados pelo autor.

Assim, o Autor ao buscar inspiração e fontes de pesquisa nos documentos armazenados e arquivados nesse espaço de memória, além de construir sua obra, seja ela de ensino e informação ou de entretenimento, indiretamente ajuda também a construir a memória daquela coletividade afetada e tocada pelo conhecimento que aquele livro produziu, uma vez que ajuda a resgatar e tornar presente, aquele passado que se resta em documentos e registros.

Portanto, é inegável que o Arquivo Histórico foi essencial para a construção das duas obras, como o foi em tantas outras, afinal sem a guarda destes documentos nada poderia ser feito. Erechim é uma das poucas cidades do estado do Rio Grande do Sul que tem um Arquivo

Histórico, e em um cenário em que a educação vem passando por um desmonte e crescente desvalorização, preservar acervos históricos é fundamental para que seja possível o resgate do conhecimento histórico e o soerguimento da educação como base de nossa sociedade.

Sem os arquivos, os registros, as fotos, os filmes, os livros e todos os demais documentos históricos, os historiadores teriam seu trabalho dificultado ou incompleto, e a construção/reconstrução / rememoração do passado ficaria prejudicado, restando com lacunas provavelmente impossíveis de serem preenchidas e conhecidas pelas gerações posteriores.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética**: a teoria do romance. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

BARROS, José D' Assunção. **Memória e História: Uma discussão conceitual**. Tempos Históricos, [recurso eletrônico], vol. 15, 2011.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Schwarcz. Ltda, 2007.

BURKE, P. **O que é história cultural?**. RJ: Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: \_\_\_\_\_. A escrita da história: novas perspectivas. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Ed. UNESP, 1992, p. 7 – 38

CALDAS AULETE. Aulete Digital - Dicionário contemporâneo da língua portuguesa: **Dicionário Caldas Aulete**, versão online. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/arquivo>> Acesso: 20, ago .2019.

CARDOSO, C. F. História e conhecimento: uma abordagem epistemológica in: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (orgs) **Novos Domínios da História**. RJ: Elsevier, 2012.

CERTEAU, M. A Operação Histórica, in NORA, P., & LE GOFF, J. **História: novos problemas**. 3ª edição, RJ, 1976.

DILL, João Francisco Campello **O dia em que Shakespeare visitou José Bonifácio**. 2008. Editora: Graffoluz.

DOSSE, F. História do Tempo Presente e Historiografia, in: **Diálogos do tempo presente**: historiografia e história. [recurso eletrônico] / LAPUENTE, R. S.; GANSTER, R.; ORBEN, T. A. (Orgs.), Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017.

DUARTE, M. de A.; Ricoeur e uma teoria mediadora das relações entre Literatura e História, in **História e mídias**: diálogos (im)prováveis [recurso eletrônico] / LOPES, A. E. M.; SILVA, D. G. G.; ARAÚJO, V. C. D. de. (Orgs.), Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Izabel Magalhães, coord. Da trad, ver técnica e prefácio. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. Traduzido de: Discourse and social change, 1992.

GRECCO, G. L. História e literatura: entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 6, n. 11, 2014.

HALBWACHS, M., **A memória coletiva**. SP: Vértice, 1990.



HARTOG, F. **Evidência da história**: o que os historiadores veem. SP: Autêntica, 2011.

HUTCHEON, L. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria, ficção. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

ILLAFONT, Juarez Miguel. **Serra do Erechim: Tempos Históricos**. Editora Carraro. 1983.

LE GOFF, J. "Memória". In: **História e Memória**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994, p. 423-483.

MATIAS, F. S. Literatura e História: aproximações e afastamentos ao longo do tempo. **Revista Alêre**, v. 15, n. 1, p. 21-46, 2017.

MOTTA, M. M. M., História, memória e tempo presente, in: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (orgs) **Novos Domínios da História**. RJ: Elsevier, 2012.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo: PUC-SP. N° 10, p. 09. 1993.

PAVEAU, M-A. Palavras anteriores. Os pré-discursos entre memória e cognição. Tradução de Norma Seltzer Goldstein. In: **Filologia e Linguística Portuguesa, Brasil**, n. 9, jun. 2007, p. 311-331. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59786/62895>>. Acesso em: 27, out, 2019.

PÊCHEUX, M. [1938-1983]. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi et al. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995

PESAVENTO, S. J. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, RJ, v.2, n.3, p.3-15, jun. 1989. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>>. Acesso em: 20, ago. 2019.

RICOEUR, P. Histoire de la philosophie et historicité, em ARON, R. (org.), **L'histoire et ses interprétations**. Entretiens autour d'Arnold Toynbee, Mouton, Paris – La Haye, p. 214-27.

ROANI, Gerson Luiz. Narrativas de travessia do tempo: literatura e história. In: CAMPOS, Maria Cristina Pimentel; ROANI, Gerson Luiz. **Literatura e Cultura: Percursos críticos**. Viçosa: Arka Editora, 2010.

\_\_\_\_\_. As voltas com um não: Saramago (re) escreve O Cerco de Lisboa." **Revista Língua&Literatura** 1, no. 3. URI: FW, p. 35-50, 1999.

RÜSEN, Jörn. Reconstrução do passado: **Teoria da História II**: os princípios da pesquisa histórica. Tradução: Asta-Rose Alcaide. Brasília: Ed. UnB, 2007.

SILVA, M. da. **O arquivo e o lugar:** a custódia arquivística como responsabilidade pela proteção aos arquivos. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-22122015-093801/en.php>>. Acesso em: 20, ago. 2019.

WHITE, H. **Meta - História:** a imaginação histórica do século XIX. Trad. José Laurêncio de Melo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

## ANEXO A: CATÁLOGO DO ACERVO VERSÃO 2017

CAIXA	ANO	ASSUNTO
Caixa 1-6	Continuação21/12/83	Títulos A Voz da Serra
Caixa 0	Boletim informativo, 1971 a 1974	
Caixa 0	Boletim informativo, 1971	17 livros
Caixa H-77	Livros diversos	2 almanaques da Serra, método de dissecação, curso de direito romano, biologia, História agrada
Caixa sem identificação	Material histórico a ser classificado	2 selos, folders e convites, jornais e textos
Caixa 0	Câmara Municipal	31-35
Caixa 0	Livros da Assembleia Legislativa, Câmara Federal	39 livros
50.2 – Caixa 22	Censo demográfico do Brasil, 1990	5 livros
50.2 – Caixa 26	Catálogos do IBGE	5 livros
50.2 – Caixa 27	Síntese de indicadores sociais	5 livros
Caixa 0	Programa de Administração Pública, publicação Municipal	5 livros
50.2 – Caixa 21	Censo demográfico do Brasil, 1980	6 livros
50.2 – Caixa 23	Censo demográfico do Brasil, 1980	6 livros
50.2 – Caixa 24	Censo demográfico do Brasil, 1990	6 livros
Caixa 0	Tribunal de contas	7 livros
Caixa 0	Câmara Municipal	8 – 12
50.2 – Caixa 25	Censo agropecuário e geomorfológico	8 livros
Caixa sem número		Acervo família agita
Caixa 2.4		Ações Elói Zanella
Caixa sem número	Câmara de Vereadores e Prefeitura, 1989	Álbum de notícias – 1 pasta
Caixa sem número	Câmara de Vereadores e Prefeitura, 1991	Álbum de notícias – 2 pastas
Caixa sem número	Câmara de Vereadores e Prefeitura, 1992	Álbum de notícias – 3 pastas
Caixa sem número	Câmara de Vereadores e prefeitura, 1989	Álbum de notícias – 6 pastas e uma honra ao mérito
Caixa sem número	Câmara de Vereadores e Prefeitura 1991	Álbum de recortes de notícias – 4 pastas
Caixa 1-14	2001	Álbum Projeto Corte e Costura SENAC ação voluntária Bota Amarela
Caixa sem número	1989-1992	Álbuns administração Elói João Zanella – 2 livros
Caixa sem número	1991-1992-2003	Álbuns Administração Elói João Zanella, 1 livro relatório fotográfico, álbuns de fotos, honra ao mérito
Caixa sem número	1990	Álbuns de notícias câmara de vereadores Erechim
Caixa sem número	Prefeitura, 1989	Álbuns e recortes de notícias
Caixa sem número	Acervo Família Castro	Almanaques 1910-1950 – 6 livros
Caixa 2.4	Diversos	Alugueis, requisições, correspondências recebidas
Caixa 2.4	1973-1975	Anais da Assembleia - 5 livros
Caixa 2.4	1975	Anais da Assembleia – 5 livros
Caixa 2.4	1971-1973	Anais da Assembleia – 6 livros
Caixa - sem número	1971-1973	Anais da Assembleia – 6 livros
Caixa F-117	1974	Anais da Assembleia – 6 livros

Caixa 0	1977, 2004, 2005	Anuário Estatístico – orçamento
50.1 – Caixa 1	1939 a 1947	Anuário estatístico do Brasil
50.1 – Caixa 2	1948 a 1951	Anuário estatístico do Brasil
50.1 – Caixa 3	1952 a 1955	Anuário estatístico do Brasil
50.1 – Caixa 4	1956 a 1957	Anuário estatístico do Brasil
50.1 – Caixa 5	1958 à 1960	Anuário estatístico do Brasil
50.1 – Caixa 6	1961 à 1965 (falta 1962)	Anuário estatístico do Brasil
50.1 - caixa 7	1966 a 1970	Anuário estatístico do Brasil
50.1 – Caixa 8	1971 a 1973	Anuário estatístico do Brasil
50.1 – Caixa 9	1974 a 1975	Anuário estatístico do Brasil
50.1 – Caixa 10	1976 a 1977	Anuário estatístico do Brasil
50.1 – Caixa 11	1978 a 1979	Anuário estatístico do Brasil
50.1 – Caixa 12	1980 a 1981	Anuário estatístico do Brasil
50.1 – Caixa 13	1982 a 1983	Anuário estatístico do Brasil
50.1 – Caixa 14	1984 a 1986	Anuário estatístico do Brasil
50.1 – Caixa 15	1987 a 1989	Anuário estatístico do Brasil
50.1 – Caixa 16	1990 a 1993	Anuário estatístico do Brasil
50.1 – Caixa 17	1994 a 1996	Anuário estatístico do Brasil
50.1 – Caixa 18	1998 a 1999	Anuário estatístico do Brasil
50.1 – Caixa 19	2000 a 2005 (falta 2001 e 2002)	Anuário estatístico do Brasil
Caixa 2.4	2002	Arquivo de jornais – 4 portfólios
Caixa 1-11	1998,1999,2000,2004	Arquivo Histórico, correspondências recebidas
Caixa 2 9	Acervo Gardolinski	Arte e folclore 5 livros
Caixa 2.4	Prefeitura Municipal de Erechim	Assessoria de imprensa, material de imprensa (fotografia, textos, etc.)
Caixa sem número	1947	Ata de apuração das eleições municipais da 20ª Zona eleitoral de Erechim
Caixa sem número	1959	Ata de registro da 20ª Zona eleitoral de Erechim
Caixa sem número	1947	Ata de registro das eleições municipais da 20ª Zona eleitoral de Erechim
Caixa sem número	1969-1971	Atas de audiências civis- 8 pastas
Caixa sem número	1998-1993-2003	Atas do Conselho Social de Erechim – 6 livros de ata
Caixa sem número	Acervo Família Castro	Atas e ofícios Sociedade Ítalo brasileira (1917-1940) – 2 livros
Caixa sem número	1930-1940, 1940-1970,1930-1970	Atas E.C. 14 de Julho, correspondências, 3 envelopes – 4 atas
Caixa sem número	Diversos	Autos. Carta precatória (1970-1973). Recibos (1970). Ordem de pagamento, guia de aquisição de estampilhos de aposentadoria dos menores (1956-1957). Nota de expediente (1984). Terceiro ofício judicial de Erechim. Relatório tribunal de justiça (1976). Protocolo de audiência cíveis (1970), audiências cíveis (1985), ofícios expedidos, fonogramas (1977-1978). Curadoria de acidentes de trabalho (1967-1969). Ofícios expedidos (1968). Recibos.
Caixa 2.4	Diversos	Balancetes, cartas, correspondências recebidas, correspondência oficial emitida
Caixa 2.4	1958, 1963, 1964, 1965	Balanço financeiro final
Caixa 2.4	1966 e 1968	Balanço financeiro final 3 relatórios
Caixa 2.4	1973-1974-1976	Balanço financeiro final 4 relatórios
Caixa 2 11	Acervo Gardolinski	Biografias 14 livros
Caixa 2.5	1970	Boletim informativo Prefeitura Municipal de Erechim – 3 livros

Caixa sem identificação	Diversos	Cadastros técnicos de Entidades públicas. Associações e Isentos. Protocolo de correspondência. (13/04/1982, 25/10/1984, 1983, notas fiscais, 27/04/1984)
Caixa sem número	Diversos	Cartas precatórias, notas fiscais, apelação criminal
Caixa 2.4		Carteiras de trabalho. Filme
Caixa sem número		Cartório de órfãos e ausentes
Caixa 32.1.1	Músicos erechinenses	Cds Abrahan Rudnitzki HC, Led Zeppelin – 10 cds
Caixa sem identificação	Diversos	Certificado Feira do Livro 2010. CD. Fotos. Pasta com requisição de materiais. Livro Peter Burke (A escola dos Annales). Textos e recortes. Panfletos. Livreto de turismo do Rio Grande do Sul. Livro da Assembleia Legislativa – Fontes de financiamentos para o setor público. Relatório de impacto ao meio ambiente – RIMA (cidades: Salto Santiago, Itá, Nova Santa Rita (C2) (linha de transmissão 525 KV).
Caixa sem número	Diversos	Certificados. Exposição Polonesa Janusz Korczok. Café e Memória (Castelinho). Monografia de Mariângela Varotto: Erechim, cidade educadora. Muitos caminhos a percorrer (Educação em tempo integral, 2011). Textos. Comprovante de pagamento de salário. Recortes. Material expediente Prefeitura e Arquivo Histórico. Manual para instalação (máquina).
Caixa sem número	2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008	Concurso Bota Amarela
Caixa H - 22	Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro	Congresso de História do Segundo Reinado – 2 livros
Caixa 02 26.12		Contos e ficção – 18 Livros
Caixa 1 20.12		Contos e ficção – 19 Livros
Caixa sem número	2001-2009	Cópias de contratos, inventários de patrimônios, acervo bibliográfico, documentos diversos, declarações para uso do pesquisador, guia telefônico
Caixa 22	1984	Correspondência do Terceiro cartório. Execuções criminais.
Caixa 2.3	1946, 1947, 1948, 1949	Correspondência e cartas expedidas
Caixa 2.3	1941, 1942, 1943, 1944, 1945	Correspondência e cartas expedidas
Caixa 2.3	1940, 1954, 1957	Correspondência e cartas expedidas
Caixa 2.3	1936, 1937	Correspondência e cartas expedidas
Caixa 2.3	1935	Correspondência e cartas expedidas
Caixa 2.3	1931, 1932	Correspondência e cartas expedidas
Caixa 2.3	1929	Correspondência e cartas expedidas
Caixa 2.3	1928	Correspondência e cartas expedidas
Caixa 2.3	1927	Correspondência e cartas expedidas
Caixa 2.3	1925	Correspondência e cartas expedidas
Caixa 2.3	1922, 1923, 1924	Correspondência e cartas expedidas
Caixa 2.3	1921, 1922	Correspondência e cartas expedidas
Caixa 2.3	1920	Correspondência e cartas expedidas
Caixa 2.4		Correspondência expedida
Caixa 2.4		Correspondência expedida
Caixa 2.4	1983-1984	Correspondência expedida
Caixa 2.4	1973	Correspondência expedida – 2 envelopes
Caixa 2.3	1961-1966	Correspondência expedida Hospital São Pedro, Santa Casa de Misericórdia
Caixa 2.4	1962	Correspondência expedida para Santa Casa de Misericórdia e Hospital São Pedro
Caixa 2.4		Correspondência oficial, Correspondência recebida

Caixa 2.4	1973-1974	Correspondência recebida
Caixa 2.4		Correspondência recebida
Caixa 2.2 K		Correspondência recebida
Caixa 2.2 I		Correspondência recebida
Caixa 2.4		Correspondência recebida SMC – 2 blocos
Caixa 2.4	Câmara Municipal de Erechim, 2001	Correspondências – 3 livros
Caixa 2.3	1933-1934	Correspondências e cartas expedidas
Caixa 2.4	2002	Correspondências enviadas e recebidas, agendas, projetos, decretos, poderes, informação – 2 livros
Caixa 2.4	Diversos	Correspondências expedidas, livro conselho município de Erechim, jornais e recortes
Caixa 2.2c		Correspondências recebidas
Caixa 2.2r		Correspondências recebidas
Caixa 2.2d		Correspondências recebidas
Caixa 2.2a		Correspondências recebidas
Caixa 2.2e		Correspondências recebidas
Caixa 2.2b		Correspondências recebidas
Caixa 2.2h		Correspondências recebidas
Caixa 2.2o		Correspondências recebidas
Caixa 2.2p		Correspondências recebidas
Caixa 2.2m		Correspondências recebidas
Caixa 2.2j		Correspondências recebidas
Caixa 2.2q		Correspondências recebidas
Caixa 2.2l		Correspondências recebidas
Caixa 2.2f		Correspondências recebidas
Caixa 2.2n		Correspondências recebidas
Caixa 2.2g		Correspondências recebidas
Caixa 2.4	1910-1920	Correspondências recebidas
Caixa 2.4		Correspondências recebidas
Caixa 2.4	1972	Correspondências recebidas MOBREAL
Caixa 2.5		Correspondências recebidas Prefeitura Municipal de Erechim
Caixa sem número	1933-2010	Correspondências recebidas, correspondências expedidas, projeto História URI, endereços, negativos, fotografias
Caixa 0	Câmara Municipal de Erechim, 2001	Correspondências, projeto de lei do Executivo – 2 livros
Caixa sem número	Diversos	Cronograma feira do livro, estatuto do acervo, material histórico
Caixa 2.4		Decretos
Caixa 0	1999	Diagnóstico dos servidores de água e esgoto – 2 livros
Caixa 0		Dicionário Brasileiro – 4 livros
Caixa F-113		Discurso Ernani Mello (vereadores)
Caixa sem número	1962-1970	Documentos da Comarca de Aratiba – 7 blocos
Caixa sem número	1990-1993	Documentos da Companhia Luce e Rosa e Cia. Ltda.
Caixa sem número		Documentos de registros de imóveis
Caixa sem número		Documentos de terras e famílias
Caixa 2.4	1966	Documentos diversos recebidos – 8 pastas
Caixa sem número	1990	Documentos Mário Corradi, projetos culturais, livro de atas

Caixa sem número	1998	Documentos perímetro Urbano e Distritos de Erechim (limite de bairros e estabelecimentos comerciais) – 16 blocos
Caixa sem número	Acervo Família Castro	Documentos S.C Ítalo brasileiro. Documentos sobre futebol (1925-1946) – 7 livros
Caixa sem número	Acervo Família Castro	Documentos sobre igreja, cooperativas, Hospital de Caridade de Erechim, Município de Erechim – 22 livros
Caixa 2.4		Documentos sobre Juarez Miguel Illa Font
Caixa sem número	1958-1959, 1979-1943	E.C.14 de Julho: correspondências recebidas e ficha de cadastro da Liga Erechinense de Futebol, 1 envelope com cadastros
Caixa 2.16	Acervo Gardolinski	Educação de linguas 8 livros
Caixa sem número		Empresa colonizadora Luce e Rosa e CIA Ltda. contratos, vendas e desistências
Caixa 1.1	Prefeitura de Erechim, 1970	Encerramento do exercício financeiro
Caixa 1.1	Prefeitura de Erechim 1977-1978	Encerramento do exercício financeiro – fechamento e fluxo de caixa
Caixa 2.1.6		Enciclopédia e almanaque história RS – 3 livros
Caixa 21.7		Enciclopédia. Educar – 4 volumes
Caixa 2.14	Acervo Gardolinski	Enciclopédia polonesa 3caixas contendo 4 livros cada total 12 livros
Caixa sem número	Diversos	Enciclopédias: Conhecer. Dicionário enciclopédico, edição Abril Cultural 3 volumes. Revista Erechim Boas Notícias (abril, 2008).
Caixa 2.4	1998, 05/2005	Endereços, negativos, relatórios, balanços, demonstrativos da Receita e despesa maio de 2005, diário de 1998, empréstimo, decretos de lei
Caixa 2.13	Acervo Gardolinski	Escrituras 5 blocos, pacote com molde de desenhos feitos em papel-manteiga, partituras, recortes
Caixa 2.4	1972-1975	Exemplares Revista Destaque, documentos, recortes, folders
Caixa 2.4	1977-1991	Exercício financeiro (Escola Belas Artes) Prefeitura Municipal
Caixa 2.4	1928-1934	Exercício financeiro Guarda Municipal – 3 livros
Caixa sem número	1989-1991	Faturas e documentos bancários do Conselho Social de Erechim
Caixa 2.4		Festa Nacional do Trigo
Caixa sem número	1940-1980	Fichas de menores infratores, órfãos desaparecidos e moradores de rua
Caixa 21.3.1		Folders Erechim
Caixa 0	2005-2006	Folders, jornal, texto escrito em tailandês25/01/2012, revista, folhas A4 em branco, convite, modelo de placa para as caixas do arquivo(sem identificação), texto escrito em latim, pasta programação da feira do livro2011, partitura, certificados da feira do livro 2011-2012, rascunhos de programação, documento de pesquisa de doutorado de Thaís Janaina Wenczenovicz, resumo: comunicação oral, ciências biológicas, projeto de produção de mecanismos para fins didáticos(Instituto Federal), relatório com e-mails, atividades envolvendo cinema, um comprovante de depósito, fotografia de pedras indígenas(linha 4 Paulo Bento, 2010),CD, um disquete com fotos 12/09/07, projeto divulgando monografias, um croqui
Caixa 2.4	1920-1946	Folha de pagamento de servidores – 2 blocos
Caixa sem número		Folheteria, fotografia, empréstimo para pesquisa, controle geral
Caixa 2.4	Diversos	Fonograma, telegramas, portarias, receitas e despesas
Caixa com o nº (34)		Fotografias diversas, fitas de vídeo, negativos - 38 caixas
Caixa 2.4		Fotografias gestão Jaime Lago
Caixa sem número	1980-1990	Fotos aéreas da cidade/fotos de obras nos bairros
Caixa sem número	1970-1980-1990	Fotos de obras públicas de Erechim
Caixa 2.5	Aprox. 1965	Fotos diversas

Caixa 2 17	Acervo Gardolinski	Fotos diversas 13 blocos
Caixa 2.4		Fotos, negativos
Caixa sem número	1940-1960	Fotos. Fita de vídeo. Disquete. Negativos
Caixa 2.5	1970	FRINAPE
Caixa 2.5		FRINAPE
Caixa – sem número	1860	Guida Del Cristiano, em italiano. Tesouro da Juventude – volume 14-18
Caixa 21.4		História geral AHM, jornais
Caixa 2 10	Acervo Gardolinski	História Universal e História Polonesa 10 livros
Caixa sem número		História, religião e monografias
Caixa E-3	1983, 1984, 1985. Erechim, Erval Grande, São Valentim, Jacutinga.	Inquérito policial. Sedução, lesões corporais, calúnia e difamação, estelionato e falsidade ideológica, furto, estupro e ameaças.
Caixa 2.4		IPTU. Matérias enviadas para comunicação social. Matérias jornalísticas
Caixa sem identificação	91 anos	Jornais Diário da Manhã, Bom Dia, Voz Regional, edição histórica, informe comercial sobre 91 anos de Erechim
Caixa sem número	1991-2000	Jornal Tribuna Gaúcha, Revista Sami, Revista Arca – 11 revistas
Caixa 2.4	2003	Lei de diretrizes de orçamento, correspondências internas e externas, projeto de lei executivo -3 livros
Caixa 2.4	1999-2001	Lei de orçamento – 3 livros
Caixa 0	1964-1972	Lei de orçamento – 30 livros
Caixa 2.4	1991-1998	Lei de orçamento – 6 livros
Caixa 2.4	1975-1980	Lei de orçamento – 7 livros
Caixa 2.4	1982-1990	Lei de orçamento – 9 livros
Caixa 2.4	1998-2005	Lei de orçamento anual, projeto de lei orçamento anual, projeto de lei diretrizes – 7 livros
Caixa 2.4	1989	Levantamento aereo fotográfico – 2 pastas
Caixa 2 5	Acervo Gardolinski	Literatura infantil 2 livros
Caixa 2 1	Acervo Gardolinski	Literatura Polonesa/Polska, romance histórico 9 livros
Caixa sem identificação	1958	Livros e fotos empresa Luce e Rosa, álbum de fotos, livro de agentes, alvarás, bloco de anotações, caderno de anotações com despesas e afins, orçamento da prefeitura de Seara, cartão empresarial, livro lei de orçamento da prefeitura de Itá 1958
Caixa 2.4	1972 a 1977, 1967 a 1978	Livro caixa 2 livros
Caixa 2.4	1942-1954, 1976-1977-1978, 1974-1975-1976-1977-1978, 1978-1979	Livro caixa 4 livros
Caixa sem número	1949-1957	Livro caixa da Escola Agrícola e Educacional de Erechim
Caixa sem identificação	Material a ser classificado	Livro de registro dos empregados da empresa S.A. Moinhos Rio Grandenses 1033, decreto de lei 12/12/1934, partitura, gráfico, registros, certidões, notícias, carteiras de identidade e pensionista, título de eleitor, carteira de trabalho
Caixa sem identificação	Diversos	Livro Sarau Histórico Cultural, lista de presença, fotos, lembrança, projeto de lei museu de Erechim
Caixa 0	Acervo Família Castro	Livros – 12 livros
Caixa sem número	Acervo Família Castro	Livros – 12 livros
Caixa sem número	Acervo Família Castro	Livros – 12 livros
Caixa 0	Acervo Família Castro	Livros – 16 livros
Caixa sem número	Acervo Família Castro	Livros – 8 livros
Caixa sem número	Acervo Família Castro	Livros – 9 livros



Caixa 0	Câmara Federal	Livros Assembleia Legislativa, 40 livros
Caixa 2.4		Livros atas – 3 volumes
Caixa 0	Câmara Municipal	Livros da Assembleia – 16 livros
Caixa 0	Câmara Federal	Livros da Assembleia Legislativa – 19 livros
Caixa 0	Câmara Federal	Livros da Assembleia Legislativa - 24 livros
Caixa 0	Câmara Federal	Livros da assembleia legislativa Câmara Federal 19 livros
Caixa 0	Câmara Federal	Livros da Assembleia Legislativa. Anais (set, 1985), proposta orçamentária (1990), lei orçamentária (1990), contas Governo RS (1999), mensagem à Assembleia Legislativa (1986), manual de inspeção da produção de sementes e mudas (1982)
Caixa 2 3	Acervo Gardolinski	Livros de Ciências 4 livros
Caixa 2 2	Acervo Gardolinski	Livros de Geografia 7 livros
Caixa 2 6	Acervo Gardolinski	Livros de História portuguesa (em português), livros de história norte-americana (língua inglesa) 8 livros
Caixa 20.04	2008	Livros de literatura e poesia – 34 livros
Caixa 1 4	Acervo Gardolinski	Livros de Literatura em língua portuguesa, romance histórico 13 livros
Caixa 1 26.17		Livros de literatura, poesia e contos – 28 livros
Caixa 0		Livros diversos
Caixa 3 26.19		Livros do judiciário – 2 livros
Caixa 2 26.19		Livros do judiciário – 3 livros
Caixa 4 26.19		Livros do judiciário – 4 livros
Caixa 13 26.19		Livros do judiciário – 5 livros
Caixa 5 26.19		Livros do judiciário – 5 livros
Caixa 12 26.19		Livros do judiciário – 5 livros
Caixa 7 26.19		Livros do judiciário – 5 livros
Caixa 10 26.19		Livros do judiciário – 5 livros
Caixa 14 26.19		Livros do judiciário – 5 livros
Caixa 11 26.19		Livros do judiciário – 5 livros
Caixa 8 26.19		Livros do judiciário – 6 livros
Caixa 9 26.19		Livros do judiciário – 8 livros
Caixa 0	Legislativo	Livros do Legislativo, Câmara Federal 36 livros
Caixa 1.1.1		Livros e revistas Etnia Italiana – 3 livros
Caixa 1.3.1		Livros e revistas Etnia Polonesa – 5 livros
Caixa 2 12	Acervo Gardolinski	Livros em francês, português, espanhol, italiano, alemão e arte 23 livros
Caixa 1.4.1		Livros Etnia Judaica – 4 livros
Caixa 1.3.1		Livros Etnia Polonesa – 6 livros
Caixa sem número		Livros histórico Erechim Ernesto Cassol
Caixa sem número		Livros italianos
Caixa sem número	Acervo Família Castro	Livros literatura – 9 livros
Caixa (Graffoluz)		Livros sobre o Cinquentenário de Erechim
Caixa sem número	Acervo Família Castro	Livros sobre política – 6 livros
Caixa sem número	Acervo Família Castro	Livros sobre política – 6 livros
Caixa 26.20		Livros sobre turismo. Doação Leandra Fabris – 19 livros
Caixa 21.3		Livros, polígrafos, estudos históricos de Erechim, reportagens, folders, revistas

Caixa 2		Livros, revistas Filosofazer, livro autores de Erechim – 9 livros
Caixa sem número	Acervo Família Castro	Livros. Pasta com documentos – 22 livros
Caixa 0		Manuais – livros, cartilhas, manual acadêmico, guias – 19 livros
Caixa 1		Mapas diversos (mapas odográficos, linhas indicam terrenos)
Caixa sem número	Mapas	Mapas e plantas
Caixa sem identificação	99	Materiais diversos a classificar, contratos, promessas e vendas (Luce Rosa e CIA Ltda.
Caixa 2.4		Materiais imprensa Elói Zanella
Caixa 2.4		Materiais imprensa Elói Zanella
Caixa 2.4		Materiais imprensa Elói Zanella
Caixa 0	1966	Material de propaganda política
Caixa sem número		Material do cineasta Osnei de Lima, 100 anos em uma noite – ferrovia, exposição fotográfica
Caixa 2.4	1986	Material educação -3 blocos
Caixa 2.5		Material eleitoral (mapas, livros e apurações)
Caixa 2.5		Material eleitoral Elói Zanella
Caixa sem número	2010	Material feira do livro. Cds, folders, ficha de inscrições
Caixa 0	Câmara Municipal de Erechim	Material Histórico Câmara Municipal, volume 206, 5 livros
Caixa 0	Administração	Material Histórico Programa de Administração Pública 9 livros
Caixa 0	1983, 1990, 1991,1992,2001	Material histórico, Constituição, Jurídico, Leis e Diretrizes Orçamentárias1992, revistas, coletânea de informações, técnicas 1991, relatório 2001, relatório anual 1983, Estatuto da Criança e do Adolescente 1990
Caixa sem número	Material a ser classificado	Material histórico, standard, homenagens
Caixa 2.4		Matérias jornalísticas
Caixa 2.4	1931, 1932, 1933	Matérias jornalísticas
Caixa 2.4		Matérias jornalísticas
Caixa 2.4		Matérias jornalísticas
Caixa 2.4		Matérias jornalísticas
Caixa 2.4		Matérias jornalísticas e correspondências expedidas
Caixa 2.4	1986	Matérias jornalísticas. Correspondências expedidas
Caixa 2.4	1986	Matérias jornalísticas
Caixa 0	Material histórico	Mato da Comissão
Caixa 0		Mensário Estatístico – 4 livros (maio, julho, novembro, setembro)
Caixa 0		Mensário Estatístico Sul Riograndense – 8 livros
Caixa sem número	1918-2009	Metas, relatórios, museu do som, índice de fitas, atos, leis, decretos, projeto pelo AHM, material de estudo
Caixa sem número	1991-1995	Microfilmes de fotos de obras prefeitura de Erechim
Caixa sem número	Prefeitura 1990-1991	Negativos – 2 envelopes
Caixa sem número	Prefeitura 200-2004	Negativos – 2 envelopes
Caixa sem número	Prefeitura Municipal de Erechim 1990-1991	Negativos – 2 envelopes
Caixa sem número	Prefeitura Municipal de Erechim, 2000-2004	Negativos – 3 envelopes
Caixa 2 18	Acervo Gardolinski	Negativos 23 caixinhas
Caixa 01à 04	Jan-mar 2001	Negativos de fotos
Caixa 05 a 09	Abr.-maio 2001	Negativos de fotos

Caixa 10 a 15	Jul-dez 2001	Negativos de fotos
Caixa 16 a 23	Dez 2001 – jun 2002	Negativos de fotos
Caixa 24 a 29	Jun-dez 2002	Negativos de fotos
Caixa 30 a 35	Jan- jun 2003	Negativos de fotos
Caixa 36 a 41	Jul – dez 2003	Negativos de fotos
Caixa E-6		Notas diversas. Empresa Colonizadora Luce Rosa e CIA Ltda
Caixa E-7		Notas diversas. Empresa Colonizadora Luce Rosa e CIA Ltda
Caixa 2.5		Notas fiscais
Caixa sem número	19+62-1967	Notas jornal Voz da Serra
Caixa E-4		Notas para escrituras. Empresa Colonizadora Luce Rosa e CIA Ltda
Caixa 2.4		Noticias enviadas a órgão de comunicação social
Caixa H-28		O Come Gente
Caixa sem número	1961-1965	Ofícios da delegacia encaminhados do juiz – 4 blocos
Caixa sem número	1985-1994	Ofícios e correspondências Conselho Social de Erechim – 4 pastas
Caixa sem número	1985	Ofícios e intimações criminais – 5 pastas
Caixa sem número	Material para classificar, 1970	Ofícios expedidos
Caixa sem número	1985-1994	Ofícios Social de Erechim – 4 pastas
Caixa sem número	1969-1985	Ofícios, circulares e provimentos do Poder Judiciário – 4 blocos
Caixa sem número	1954-1956	Ofícios, fonogramas, advertências, relatórios e telegramas, gestão Eduardo Pinto, certidões da Comarca de Aratiba (1963-1970) – 1 bloco
Caixa 2.5		Originais Illa Font
Caixa sem número	Diversos	Pacote de parafusos, cartão pessoal, folha de pagamento, relatórios de atividades do Arquivo Histórico Municipal 2011, projeto de exposição do Arquivo Histórico 2010, documento do acervo Gardolinski, avaliação história das ciências exatas e da terra professora Kátia Keleem da Rosa, CD, assuntos da coordenadoria (Aline Carelli e Rodrigo Pereira), autuação infração de trânsito, conta de luz, bloco de anotações, empréstimo, comprovantes da Caixa, HSBC, Bradesco, convite, cópias Projeto Programa TV Câmara
Caixa 2.4	Diversos	Plantas baixas, projetos e livro caixa
Caixa 2.5	1961, 1964, 1966, 1972, 1976	Passagens e registros
Caixa 0	1996-1997	Pedro Simon – 4 livros
Caixa sem número	2006	Planos de estudo do PROETI 1 livro
Caixa sem número	PROETI 2002	Planos de estudo do Programa de Educação em Tempo Integral (PROETI) 8 livros
Caixa 12		Plantas
Caixa 2 25		Plantas
Caixa 4 25		Plantas de Erechim
Caixa 10 25		Plantas de Viadutos, Quatro Irmãos, Três Arroios
Caixa 1 25		Plantas do Município de Aratiba
Caixa 5 25		Plantas do município de Erechim
Caixa 6 25		Plantas Getúlio Vargas, Gaurama, Severiano de Almeida
Caixa 7 25		Plantas Jacutinga, Erval Grande
Caixa 9 25		Plantas Mariano Moro
Caixa 11 25		Plantas São Valentin, Capoerê, Marcelino Ramos, Maximiliano de Almeida e Áurea
Caixa 3 25		Plantas, aeroporto, aeroclube

Caixa sem número	2010	Polígrafos novos, revista, cds, fotos, filmes (referentes há 100 anos em uma noite)
Caixa 0	Diversos	Polígrafos, relatório (1998), balanço anual (1991), livros das obras (1987), anais (11, 12 e 13 de maio de 1979)
Caixa 2.4	2001	Política – 2 portfólios
Caixa 1		Porta-discos de vinil compacto 26-20 diversos
Caixa sem número	1988-1989	Prestação de contas do Conselho Social de Erechim – 2 blocos
Caixa sem número	1990-1993	Prestação de contas do Conselho Social de Erechim – 2 blocos
Caixa 7	1994	Processo Cível
Caixa sem identificação	Material histórico a ser classificado	Procurações, declarações, reclamações, decretos de falência anos 1930/1940/1970/1980, livro de registros de despachos (em branco), mapas, caderno de mapas e foto aérea de Erechim
Caixa sem número	2005	PROETI 20 livros
Caixa sem número	2004	PROETI 5 livros
Caixa sem número	2008	PROETI Projeto Integral Escola Família, panfletos do programa e revistas
Caixa 0		Programa de administração Pública – 8 livros
Caixa 0		Programa de administração Pública Municipal – 5 livros
Caixa sem número	Prefeitura, 1993	Projeto (Elenco de necessidade do Alto Uruguai), recortes de jornais – 4 blocos
Caixa 2.4	1932	Projeto de construção da Prefeitura de Erechim, Lei 16-8-1. Documentos e requisições militares – 3 livros
Caixa 2.4	1963	Projeto de lei (Praia Bonita). Caderno de mapas – 2 livros
Caixa 2.4	Câmara municipal, 2003	Projeto de lei Câmara Municipal, projeto de lei Legislativo
Caixa 2.4	2002	Projeto de lei Executivos, projetos de lei Legislativo, lei de orçamento anual – 3 livros
Caixa 2.4	Câmara municipal, 1999-2001	Projeto de lei legislativa de redução de recesso parlamentar - 3 livros
Caixa 2.4		Projeto HINE elétrica municipal – 2 livros
Caixa 1-13	Projeto	Projeto Nana Neném álbum, pasta com certificados, cartilha, kit com escova, creme dental, fio dental, encarte com orientação saúde bucal, adesivos, tente contendo um termômetro e um vale de muda de árvore
Caixa 2.4		Propaganda eleitoral
Caixa 0	2004	Proposta orçamentária – 2 livros
Caixa 0	2005	Proposta orçamentária – 2 livros
Caixa sem identificação		Quadros, famílias 9 quadros
Caixa 2.4		Receitas e despesas
Caixa 2.4		Receitas e despesas
Caixa 2.4	1944-1946	Receitas, despesas, folha de pagamento
Caixa 2.4	1964-1973	Recibos
Caixa 1.2	1936-1946	Recibos
Caixa E-1	Diversos	Recibos
Caixa E-2	Diversos	Recibos
Caixa 1		Recibos e despesas
Caixa 2		Recibos e despesas
Caixa sem número	1997-1998, 2000, 2001, 2004	Recortes de jornais sobre História de Erechim e turismo – 7 livros
Caixa sem número	1990	Recortes de notícias da prefeitura municipal de Erechim
Caixa E-T		Registros de pessoas naturais de Erechim

Caixa 2.4	Coral Misto São José	Registros de reuniões, atas, fotografias, folder Concentração de Coral (evento)
Caixa sem número	1940-1950	Registros e atas do poder judiciário – 4 livros
Caixa 2.4		Relação de aprovados no concurso público da Guarda Municipal
Caixa 2.5	1973-1977	Relação de doentes encaminhados para Porto Alegre – 3 livros
Caixa sem número	Documentos diversos Luce Rosa e CIA Ltda	Relação de vendas, anotações, cartas com pedido de solução em um terreno vendido, contrato de promessa, procuração, nota fiscal, memorando, mapas mentais, nota para escritura, livro registo Colônia Dourado e Rio Novo, mapa com a planta de distribuição dos lotes e áreas de abrangência da empresa Luce Rosa, cadastro de sedes Três Arroios, Nova Itália (Severiano de Almeida) e Dourado, declarações, relatório de terras vendidas, relações de compradores de terras do município de Itá, selo transporte.
Caixa 0	1997-2000	Relatório Arquivo Histórico Municipal
Caixa sem número	Acervo Família Castro	Relatório atividades administrativas – 7 livros
Caixa sem número	1921, 1922	Relatório da Comissão de terras – 3 livros
Caixa sem número	1916, 1917, 1919, 1920	Relatório da Comissão de Terras ao Governo do estado
Caixa 2.4	1956	Relatório da Secretaria Pública, visita do presidente da República a Erechim – 3 livros
Caixa F-75	1939	Relatório, compromissos diversos
Caixa 0		Relatórios balanço geral – 8 documentos
Caixa sem número	1994-1996	Relatórios do Conselho Social de Erechim – 1 bloco
Caixa sem número	1975-1978	Relatórios funcionais da Comarca de Erechim – 2 blocos
Caixa sem número	1992	Releases Elói João Zanella – 4 pastas
Caixa 2 15	Acervo Gardolinski	Religião polonesa no Brasil 7 livros
Caixa 2.4	Diversos	Reportagens, livro caixa, material eleitoral
Caixa 0	1940	Requerimento
Caixa 0	1940, 1941	Requerimento – 1 blocos
Caixa 1.6	1967-1976, 1918-1953, 1954-1966	Requerimentos 1967-1966 caixa 108A-158A, 1918-1953 caixa 01A-48A, 1954-1966 caixa 48A-108A
Caixa 2.1	1976	Requerimentos
Caixa 2.1	1938-1949	Requerimentos
Caixa 2.1	1961	Requerimentos - 2 blocos
Caixa 2.1	1954	Requerimentos - 3 blocos
Caixa 2.1	1974-1976	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1974	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1974	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1974	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1974	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1974	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1974-1975	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1974	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1973	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1971-1972	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1973	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1973	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1967	Requerimentos – 2 blocos

Caixa 2.1	1967	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1968	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1968	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1967	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1967	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1967	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1967	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1967	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1966	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1966	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1966-1967	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1954	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1954	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1955	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1952-1953	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1953	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1948	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1948	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1943	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1941	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1965	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1965	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1964-1965	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1964	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1964	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1964	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1963-1964	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1963	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1963	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1964	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1964	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1964	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1963	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1964	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1962	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1962	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1962	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1962	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1961	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1961	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1963	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1963	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1961	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1960-1961	Requerimentos – 2 blocos

Caixa 2.1	1960	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1962	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1962	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1962	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1962	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1960	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1960-1961	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1961	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1961	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1960	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1960	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1960	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1960	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1960	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1956	Requerimentos – 2 blocos
Caixa 2.1	1973	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 2.1	1973	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 2.1	1973	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 2.1	1968	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 2.1	1968	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 2.1	1969-1972	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 2.1	1968	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 2.1	1968	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 2.1	1967	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 2.1	1967	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 2.1	1966	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 2.1	1966	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 2.1	1954	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 2.1	1954-1955	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 2.1	1953-1954	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 2.1	1952	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 2.1	1952	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 2.1	1952	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 2.1	1954	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 2.1	1948	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 2.1	1948	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 2.1	1952	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 2.1	1952	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 2.1	1952	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 2.1	1950-1952	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 2.1	1944-1945-1946	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 2.1	1942	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 2.1	1948	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 2.1	1948	Requerimentos – 3 blocos

Caixa 2.1	1948	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 2.1	1941	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 2.1	1941	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 2.1	1942	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 2.1	1942	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 2.1	1941	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 2.1	1940	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 2.1	1940	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 2.1	1940	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 2.1	1940	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 2.1	1940	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 0	1950, 1960, 1970	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 2.1	1966	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 2.1	1965-1966	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 2.1	1965	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 2.1	1958	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 2.1	1956-1958	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 2.1	1955	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 2.1	1956	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 2.1	1956-1957	Requerimentos – 3 blocos
Caixa 2.1	1937-1938	Requerimentos – 4 blocos
Caixa 2.1	1949-1950	Requerimentos – 4 blocos
Caixa 2.1	1948-1949	Requerimentos – 4 blocos
Caixa 2.1	1941	Requerimentos – 4 blocos
Caixa 2.1	1941	Requerimentos – 4 blocos
Caixa 2.1	1946-1947	Requerimentos – 4 blocos
Caixa 2.1	1939	Requerimentos – 4 blocos
Caixa 2.1	1939	Requerimentos – 4 blocos
Caixa 2.1	1939	Requerimentos – 4 blocos
Caixa 2.1	1940	Requerimentos – 4 blocos
Caixa 2.1	1940	Requerimentos – 4 blocos
Caixa 2.1	1933-1937	Requerimentos – 4 blocos
Caixa 2.1	1925-1929	Requerimentos – 4 blocos
Caixa 2.1	1942-1943	Requerimentos – 5 blocos
Caixa 2.1	1941	Requerimentos – 5 blocos
Caixa 2.1	1929-1933	Requerimentos – 5 blocos
Caixa 2.1	1918-1924	Requerimentos – 6 blocos
Caixa 2.1	1976	Requerimentos 1 bloco
Caixa 2.1	1976	Requerimentos 2 blocos
Caixa 2.1	1976	Requerimentos 2 blocos
Caixa 2.1	1975-1976	Requerimentos 2 blocos
Caixa 2.1	1976	Requerimentos 2 blocos
Caixa 2.1	1976	Requerimentos 2 blocos
Caixa 2.1	1975	Requerimentos 2 blocos



Caixa 2.1	1976	Requerimentos 2 blocos
Caixa 2.1	1976	Requerimentos 2 blocos
Caixa 2.1	1976	Requerimentos 2 blocos
Caixa 2.1	1975	Requerimentos 2 blocos
Caixa 2.1	1975	Requerimentos 2 blocos
Caixa 2.1	1975	Requerimentos 2 blocos
Caixa 2.1	1975	Requerimentos 2 blocos
Caixa 2.1	1975	Requerimentos 2 blocos
Caixa 2.1	1976	Requerimentos 3 blocos
Caixa 2.1	1975	Requerimentos 3 blocos
Caixa 2.1	1975	Requerimentos 3 blocos
Caixa 2.1	1958	Requerimentos –3 blocos
Caixa 2.4	Diversos	Requerimentos, receitas, despesas, informações sobre o município, livro de atas
Caixa sem número	1945-1947	Retorno da Comissão de Terras – 3 documentos
Caixa sem número	1930-1940	Retornos da Intendência de Erechim
Caixa sem número	Diversos	Revista Conselho, panfletos Art Decô
Caixa 0		Revista da Procuradoria Geral do Estado – 22 livros
Caixa 0		Revista da Procuradoria Geral do Rio Grande do Sul - volumes 13-18
Caixa 0		Revista da Procuradoria geral do Rio Grande do Sul – volumes 26-30
Caixa 03		Revista de Erechim – 3 revistas
Caixa H – 21	311 a 327	Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – 10 livros
Caixa H 21-C	328 a 349	Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – 14 livros
Caixa H – 21- A	297 a 310	Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – 8 livros
Caixa H – 20	262 a 296	Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – 9 livros
Caixa 25		Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul – 15 livros
Caixa sem número	1990-1998	Revista Filosofar, notícias bibliográficas – 12 revistas
Caixa 2.5	1954-1957	Revista Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
Caixa 2.5	1954-1957	Revista Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – 8 livros
Caixa sem número	Material a ser classificado	Revista Mariê Claire, livretos, textos, plantas e projetos
Caixa 20.01	2003-2005	Revista Perspectiva – 10 revistas
Caixa 20.01	2006-2008	Revista Perspectiva – 11 revistas
Caixa sem número		Revista Perspectiva – 15 revistas
Caixa 20.01	2000-2002	Revista Perspectiva – 16 revistas
Caixa 20.01	1995-1999	Revista Perspectiva – 16 revistas
Caixa 20.01	1983-1987	Revista Perspectiva – 17 revistas
Caixa 20.01	1975-1982	Revista Perspectiva – 27 revistas
Caixa sem número	2010	Revista Perspectiva – 4 revistas
Caixa sem número	2009	Revista Perspectiva – 4 revistas
Caixa 20.01	2008	Revista Perspectiva – 7 revistas
Caixa 20.01	1989-1994	Revista Perspectiva – 7 revistas
Caixa sem número	2012-2013	Revista Perspectiva – 9 revistas
Caixa 20.4	2011	Revista Piauí – 5 revistas
Caixa sem número	2006-2010	Revista Sthampa – 11 revistas

Caixa 20.04		Revista SuperActive – 16 revistas
Caixa 20.02	2008	Revista Você – 10 revistas
Caixa 20.02	2009	Revista Você – 10 revistas
Caixa 20.02	2010	Revista Você – 10 revistas
Caixa 20.02	2006-2007	Revista Você – 16 revistas
Caixa 20.02	1997-1998	Revista Você – 2 blocos
Caixa 20.02	2001-2002	Revista Você – 20 revistas
Caixa 20.02	2003-2004	Revista Você – 23 revistas
Caixa 20.02	1999-2000	Revista Você – 27 revistas
Caixa 20.02	2007-2008	Revista Você – 44 revistas
Caixa 20.02	1992-1996	Revista Você – 5 revistas
Caixa 20.02	2005	Revista Você – 9 revistas
Caixa sem número	2011-2012	Revista Você e ZB – 18 revistas
Caixa sem número	Material sem classificação	Revista, encarte, livro, jornal
Caixa 20.04		Revistas diversas – 21 revistas
Caixa 20.4	2011-2012	Revistas Diversas – 6 revistas
Caixa 20.5.1	1951, 1953, 1966	Revistas Erechim – 5 exemplares
50.2 – Caixa 20		Revistas IBGE
Caixa 20.04	2003	Revistas Pesquisa
Caixa – material a ser classificado		Revistas, livros, anúncios, jornais
Caixa sem número	Diversos	Revistas, pesquisas, livro Serviço de transmissão de televisão (1978-1979), relatório aeroclube de Erechim (1990), projeto Natal em Erechim (2007), Hospital de Caridade Erechim (1990), relatórios de atividades do ano de 1950 do Hospital de Caridade de Erechim, relatório de pesquisas SENAC (junho, 1998), plano municipal de Educação (Erechim, 2008)
Caixa 2.5	1952, 1965, 1966, 1967, 1957, 1961, 1953, 1970, 1956	Santa Casa de Misericórdia – saída de medicamentos
Caixa sem número		Sentenças para encadernar
Caixa 34.1		Slides diversos
Caixa E-4		Telegramas e fonogramas
Caixa 2.2		Telegramas e fonogramas expedidos
Caixa 2.3		Telegramas expedidos
Caixa 2.3		Telegramas expedidos
Caixa 2.4		Telegramas, contas de telefone, fonogramas
Caixa 2.4	1951, 1994, 1974, 1977	Termo de transmissão de cargo. Jornais
Caixa – sem número		Thesouro da Juventude – volume 9-12
Caixa – sem número		Thesouros da Juventude – volume 1-8
Caixa – sem número		Thesouros da Juventude. Lar 8 e a saúde da família. Volume 1-8
Caixa 1-6	1978-1983	Títulos A Voz da Serra
Caixa 1-8	Continuação	Títulos A Voz da Serra 2 blocos
Caixa 1-7	Continuação	Títulos A Voz da Serra 3 blocos
Caixa 1-9	Continuação	Títulos A Voz da Serra 3 blocos
Caixa I-4	1944-1945, 1951-1957, 1958-1961	Títulos mais importantes A Voz da Serra
Caixa sem número		Trabalhos sobre Erechim, curso Magistério Escola José Bonifácio – 4 livros

Caixa 0	1925 a 1929	Tribunal de contas
Caixa 2 7	Acervo Gardolinski	Turismo, cartaz 100 anos da imigração polonesa, 3 envelopes com selos de Nicolau Copérnico, 2 jornais, 3 livros sobre a Grécia
Caixa 2 8	Acervo Gardolinski	Turismo, história dos poloneses na América do Sul 11 livros
Caixa 2.5		URI
Caixa H 40	Diversas	Viabilização econômica do asfaltamento da RS420 (trecho Erechim-Aratiba). Caixa Econômica Federal (Prefeito Antônio Dexheimer, 1994). Relatório de descentralização político-administrativo 21/04/1994-08/05/1994). Encaminhamentos estrutura administrativa 1993, estrutura organizacional 1992, plano plurianual 1991-1993. Plano de atividades 1993.
Caixa sem número	1997-1998	Visitas oficiais e atos públicos
Caixa sem número	1971-1972	Ypiranga FC: processos de vendas de títulos – 4 blocos